



9

ALABAMA



1867

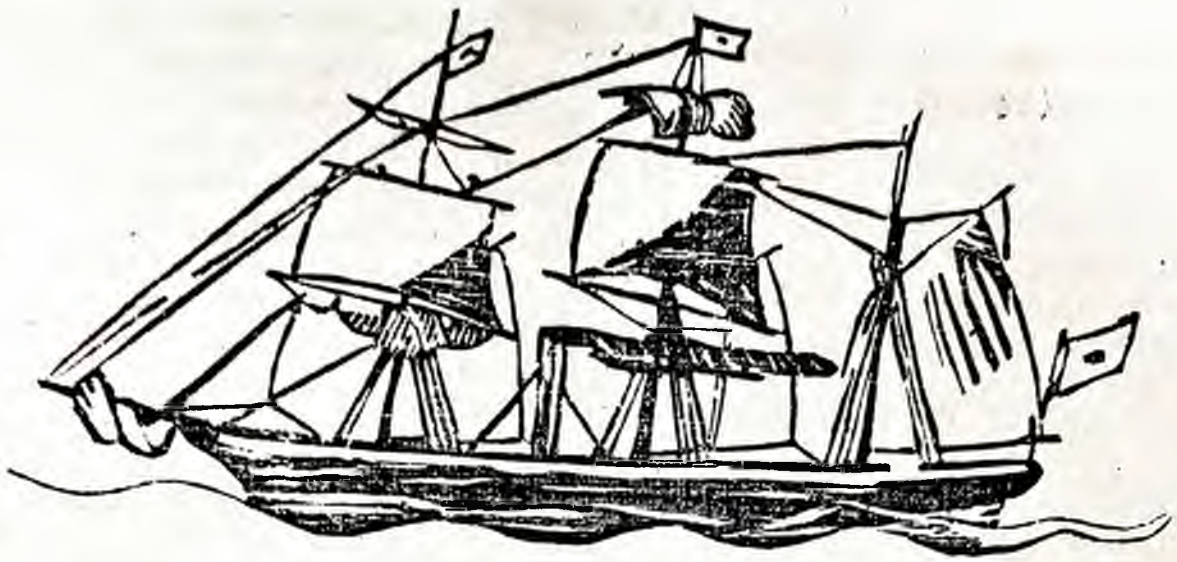
A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Serie 38.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE JULHO DE 1868.

N.º 380.

## O ALABAMA.



Hoje a ampulheta do tempo marca uma epocha de immarcessivel gloria para a Bahia.

E' o faustoso anniversario do sempre memoravel **DIA DOUS DE JULHO** o dia de nossa maior gloria.

Os altos commettimentos de valor e bravura de que foram testemunhas Pirajá, Cabrito, e Funil, não podem ser esquecidos, emquanto existir a Bahia, em quanto houver um bahiano.

O tempo, que a tudo devorador consome, é impotente para apagar de uossos corações a lembrança que nelles está esculpida desde 1823.

Nesse dia catadupas do sangue de nossos maiores correram pelas planicies para fecundar a semente da liberdade, plantada pelo immortal fundador do imperio nas margens do ypiranga.

E a semente vingou, fazendo que a 45 annos figuremos no mappa das nações de povo livre.

Quando dessa pugna gloriosa e sangrenta

não existissem alguns heroes, poucos é verdade, para attestar a intrepidez e bisarria do soldado bahiano, não era preciso a historia, porque ahí estão as margens do Prata a dar testemunho solemne e irrefragavel dessa verdade pelas multiplas victorias que temo actualmente alcançado contra o despotico dictador do Paraguy.

Entre tanta gloria, porem, pesa sobre nós empenho extremo—qual o de transmittir a geração por vir, intacto, o legado que nos fôra confiado.

Ahi é que no horisonte descortina-se um ponto negro pelo caminho que segue a governança publica.

Ao povo cumpre apagal-o logo que tome maiores proporções.

.....

Basta, não misturemos ao riso o pranto.

Nas maiores effusões de enthusiasmo festejemos em paz e ordem o dia de nossa emancipação, levantando uma prece de coração ao Deus das victorias pela felicidade do imperio do Cruseiro.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
4.º de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, levando a seu conhecimento que no recanto do convento da Soledade existe uma preta alienada, ha quasi dous mezes, escrava da viuva Tourinho, a qual incommoda os mora-

dores d'aquella localidade, principalmente nas noites de chuva.

Consta-nos que alguns moradores reuniram-se e a mandaram em uma cadeira para o hospital, e as irmãs de charidade recusaram recebê-la por ser escrava. Na noite de S. João, os amantes de foguetes *busca-pe* atiravam sobre ella os seus fogos, assim de vel-a vociferar; o que, além do mais, era uma des-humanidade.

O subdelegado já teve participação de tudo quanto acima fica dito e não tem dado providencias, dizendo que a negra é escrava, e por conseguinte queixem-se a sua senhora para mandar retirá-la d'alli.

Em vista do exposto, espera-se que S. S., previdente como tem sido na administração policial, dará as providencias necessarias, praticando por essa forma um acto humanitario.

—Ao mesmo, pedindo-lhe que á bem da ordem publica e segurança individual, mande syndicar quem foram os turbulentos que na noite de 29 do p. p. entraram em uma casa ao becco do Arcebispo, quebraram todos os moveis, espancaram os moradores e ameaçaram a força publica que se apresentou; e os faça punir severamente, aproveitando alguns que, segundo nos informam, estão optimos para passearem no Paraguay.

—Ah! canalha infame! Sevandijas de um dardo!

—Apre! V. está queimado!

—Pois V. não vê aquelles galleguitos sebosos n'uma borracheira infernal a detrahirem do Brazil? Além de mil improperios, dão vivas a todas as nações, e morras ao Brazil!

Cantam o *papagaio* e em vez de de dizerem *papagaio brasileiro*—dizem *alcoviteiro*—e em lugar de—livre será—dizem—escravo será!—

Que infames!

—Exaltações de bebados, não dê assumpto!

—Pois não! uns desgraçados que renegam sua terra e veem ser gente aqui, a cuspirem affrontosos insultos contra a nossa nacionalidade, hoje domingo, vespera de S. Pedro!

—Aquillo so com um bom retho se dava resposta.

—E elles estão livres, por ventura?

—Que rua é essa?

—Isto não é rua, é *becco*; é aqui que se fazem *hostias* para muitas egrejas.

—E o sobrado tem um pé de *berga-motta* no telhado.

—E faz parte da bachanal o *mulato-maroto da carne secca*.

—Aquelle safado que ainda nem o habito *dominico* os patricios lhe quizeram conceder?

—Elle é que a força quer ser patricio dos honrados portuguezes.

—Por elle pode se tirar a conclusão da gentalha que compõe aquella abjecta reunião. Não merecem consideração.

—Então deve se tolerar que meia duzia de desavergonhados ilheus estejam insolentemente a ultrajar os brios nacionaes em altos gritos, somente porque herdaram meia duzia de patacas, resultado, quem sabe? da moeda falsa?

—Deixal-os; quem semeia ventos colhe tempestades.

—O *sentinella* diz que viu o capitão do *Alabama* conversando familiarmente com o Malacachias.

—Li esse aranzel.

—Sem que isso fosse cousa de admirar, caso assim succedesse, seria com tudo bom que elle declarasse o logar e apontasse as pessoas que mais presenciaram a conversa familiar com Malacachias, entidade que nem o chapéu nos tira.

—Quanto a *encommenda*, si elle as fizesse, pelo menos estava livre de receber saques e de ser *vendido*.

—Na verdade, ha gente que não anda de quatro pés, porque Deus não é servido! Ora conversando familiarmente em logar onde o *sentinella*, por mais *invisivel* que seja, podesse bispar!

Forte azemola!

—Isto é o maior escandalo que já vi!

Pois como é que um homem sahe de sua casa desde 9 horas da manhan para vir pagar o imposto pessoal, já é uma hora da tarde e ainda ha de estar aqui esperando; isto é se não quizer pagar a multa de 6 %.

—Ainda a *massada* não é nada! Os insultos que se soffre do empregado encarregado de receber o dinheiro para aquillo que *ninguem encommendou*, é que é a cousa.

Chega a parte diz, tome o cobre:

«—Agora vou descansar um pouco.

«—Me despache que tenho o que fazer; meu nome é o primeiro da caderneta.

«—Si tem pressa, empine-sê, que eu não tenho nenhuma.

«—Mas, senhor, a multa?

«—Ora adeus, saiam d'aqui que eu não estou para aqueutar este calor.»

—E no entanto quando é alguém que diz eu venho pagar o imposto que mandou o Sr. barão de . . . . . é logo despachado.

—Além do homem pagar aquillo que não comeu e nem encommendou, perde um dia inteiro atrazando assim os seus negocios.

—Assim como ha empregados que vão lançar as casas, porque não os ha para receber os cobres?

—Reclame ao governo, porque talvez seja attendido.

—Desta estamos livre.

—Então esteve no hospital?

—Por meus grandes peccados.

—Como passou, bem?

Dizem que as irmans de charidade tratam já os enfermos á vela de libra.

—Tão bem, que eu sahi peor do que entrei.

—Isso é exageração sua tambem

—Creia-me; fui para a enfermaria de S. Fernando onde se tratam os ferimentos. Eu completei o numero de 48 doentes. Para esses 48 doentes ha quatro bacias e dous baris de agoa diariamente.

—Mesquinharia.

—O Sr. sabe que ha feridas que são contagiosas e outras não.

—E' verdade.

—Ja vê que, todos lavando-se em commum em quatro bacias, é arriscado a transferir-se o mal de uns para outros.

—Que duvida.

—E' a razão por que eu cuja ferida é proveniente de uma bala que recibi na guerra, sahi de la muito peor do que entrei.

—Assim, tem razão.

—Alem de carne pessima e mal pesada, mais essa ladroeira!

—Soffra que é p'ra seu bem.

—Tem la geito isso! Annuncia-se a carne por um preço e vende-se por outro!

—A culpa é dos condescendentes agentes fiscaes.

—Pois se elles vão de proposito tarde para os talhos para darem tempo aos cortadores a venderem a carne pelo preço que lhes convem.

—E' uma *pechincha* rendosa.

—E é, não deitam a papeleta na porta e exigem o preço que lhes apraz; la para as tantas quando elles têm acabado os pesos melhores, é que os fiscaes apparecem.

—Chama-se a isso *fechar os olhos*.

—Nessa occasião é que se lembram de a-pregarem o cartão na porta.

—Os taes fiscaes são dorminhocos de mais.

—Ou condescendentes em extremo.

—No sabbado no beneficio da Gaza-Nova, quando finalisava o terceiro acto da *Traviata* e arreavam o panno, choveram muitas palhas, a ponto de levantarem de novo. Quan-

do a Sra. Gaza-Nova chega em scena para agradecer os applausos, jogaram de cima uma porção de papeis que os espectadores correram para apanhar.

—Poezia, sem duvida, elogiando-a?

—Enganou-se; foram desses papeis de *salsa parrilha*, que se anda distribuindo pelas ruas.

—Teve spiiito o tal gracioso!

## O QUE E' O HOMEM DE BEM

(Conclusão.)

Um nobre orgulhoso, cheio de si mesmo; que julga que o seu titulo, muitas vezes devido á baixeza ou a peso de ouro, lhe dá o direito de desprezar o genero humano, uma vez que não seja demasiadamente estúpido, e que não pregue calotes, o publico lhe dá de barato o nome de—homem de bem.

Mas, segundo os eternos principios da religião, aquelle homem é um impostor, um pedante, que ultraja a humanidade, e que se esquece do seu proprio nada.

Um cortezão, que por suas servis adulações, lisongea as paixões do monarcha, e que deixa gemer os povos em uma miseria extrema; que não ousa representar esses males ao principe, porque teme incorrer no seu desagrado merece por ventura a qualificação de—homem de bem?

De certo que não, embora não tenha elle parte alguma por seus conselhos nas faltas do monarcha, embora seja afavel, polido, generoso.

Estas qualidades bastam para formar o homem de bem do mundo, mas não constituem o homem de bem da religião.

Para esta não basta o não ser causa dos vicios do monarcha, é mister que os amedee, quanto lhe for possivel, ainda que por isso caia na indignação do seu soberano.

O homem rico, que por assiduos cuidados enthesoura o infinito; so cuida em ajuntar cabedal, sem nada repartir com os pobre; se tudo tem adquirido por meios licitos, é homem de bem no sentir do publico.

Mas perante a religião é um avarento indigno da estima e bom conceito de seus semelhantes, e é o que está mais ameaçado de de uma condemnação eterna.

O homem de bem em nossa opinião é aquelle somente que ao mesmo tempo cumpre as obrigações a que está sujeito para com Deus, para com o soberano, e para com o proximo pela simples razão de haver sido dotado de uma alma racional: só um homem tal é que merece, em toda a extensão da palavra, o titulo honorifico de verdadeiro cidadão, de—homem de bem.

## Á PEDIDO.

(Continuação do mouro-grande.)

—Este mouro selvagem tem agentes de roubo em diversas tascas para ao meio dividirem os lucros; sendo os roubos quase sempre embarcados para Cachoeira, onde tem elle um agente para isso, além de inumeras vezes ir em pessoa dispor das ladroeiras que geralmente são os seguintes generos; caixas de spermacete, canhamação, assucar, barris de manteiga, saccas de café, &c.

Este indomito larapio é um alicantineiro, e consummado chicanista que forma processos a uns, e peita a miseraveis para espancar a seus desafectos. De requintada ma fé nega dividas, ainda as mais reconhecidas; character venal e estragado, o seu Deus é o dinheiro e a sua fé o torpeganho, seja como for, e nada ha mais aprasivel para essa alma de cachorro do que engolphar-se no suor alheio!

Assassino, esteve nas galés recebendo o premio de sua perversidade, mas um dia conseguiu quebrar a grilheta do pé, e embarcar em um porto dentro d'uma pipa, vindo a aportar nesta terra para augmentar nella o numero dos malvados e ladrões.

Aqui mesmo, esse monstro ja assassinou um homem que tinha o nome de bicho; isto é, a victima não falleceu immediatamente, por pouco durou depois que foi traçoeiramente espancado.

Sendo arca de certo negociante deu a chave do cofre por perda e mandou fazer outra... aproveitando a quadra para dar bom baque nas algibeiras do amo.

Quanto a dividas e pleitos judiciaes estão seguindo seus termos no juizo competente e brevemente serão publicadas certas peças para que algum que ignore, fique conhecendo a crassa ladroeira que o safado mouro quer praticar descaradamente.

E' aqui occasião de advertir as direcções dos estabelecimentos de credito, onde elle constantemente anda a munir-se de dinheiro, para que tenham toda vigilancia com esse nefando Lucas, por que ja ha quem rosne uma quebra fraudulenta, para o que, diz-se, se está preparando com a maior velocidade escripturação falsa, e outras trampolinas e guacs, com que pretende illudir aos credores.

(Continúa.)

### PERGUNTA-SE

Ao Illm. Sr. major commandante do corpo policial, a razão porque sendo os capitães os mais bem aquinhoados em vencimentos não são tambem incluídos na escalla de rondas

que fazem nocturnamente os officiaes do dito corpo, sendo o numero de officiaes subalternos tão diminuto?

O coçado de serviço.

## VARIÉDADES.

### ANTIGO POREM ENGRAÇADO.

Requerimento que nos pedem a publicação.

Illm. Sr. Juizo Direito.—Diz Guierme da Fonçeca, que a cuja supplicante sempre ficou nas casa pra mode o fio do Gilú, que esta um supplicado muito confiado; e a mãe foi quem descompoz ao compadre Pepé. Eu senhor juiz sou um patriota apoiado, por esse o motivo delle me querer mal nesta terra; mas la diz o ditado, que por bem fazer mal haver: quem lhe mandou comprar-me o meo cavallo fiado por seis mezes na forma da Constituição, e dos direitos do homem? Se V. S. não puser cobro nestas. e noutra garantias pode ser, que haja muita bordoadá, e tambem facada, e outros latrocisimo, nanje que se metta nelles o fio de meu pae. Tambem o Sr. juiz de Pais é boa peça, que se ficou com a vaca da viuva pelas custas da conciliação; e a dita supplicante diz, que não faz caso da justiça porque se fia na pouca vergonha do fio do Gilú, que é um Cabano restaurado de D. Pedro, como bem sabe o Padre Manesinho aquelle que foi diser Missa nova no riacho de V. S. depende este socco dos povos, segundo ja se vê no Conigo do processio, que bem me disserão a mim, que ella não era casada na face da Igreja. Deus é que sabe, por cuje omniissão.—Pede a V. S. the monde entregar a casa pena de prisão que estou prompto para pagar os alugueis adiente.

E. R. M.

Mr. Marin Filassier, cura da diocese de Paris, morto em 1733. praticou actos de beneficencia, que são tanto mais dignos da memoria dos homens. quanto mais raros são neste seculo. Algum tempo depois de ter tomado posse do seu curato, offoreceu-se-lhe outro de um rendimento muito mais consideravel. Recuzou-o dizendo:

«Não posso repudiar a minha esposa porque é pobre.»

## ANNUNCIOS.

**SUPERIOR**

**RAPÉ---POPULAR**

DA FABRICA

De Texeira, Uldorico & C.

Deposito as Grades de Ferro, 65.  
1.º andar.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preco d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

4 DE JULHO DE 1868.

N.º 381.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
3 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º distrito.—Como tenha affluído com a companhia lyrica muitos cambistas, alguns dos quaes arrematam todos os bilhetes por disporem de meios, e os que não dispõem senão de cobres cartos compram os destinados, por ordem da policia, para serem vendidos as 6 horas da tarde, o que mandam fazer por pessoas estranhas, afim de extorquirem depois, escandalosamente, defronte do bilheteiro, quatro e cinco mil reis por um bilhete de platea, que em bom portuguez é uma ratonice, pedimos a S. S. que faça desaparecer do theatro essa sucia de sugadores ou ratoneiros das algibeiras dos espectadores.

Esperamos de S. S. promptas providencias a respeito.

—Despeje la essas noticias.

—A entrada triumphal foi feita em ordem; a parada esteve concorrida; a guarda nacional apresentou-se luzida; houve o *Te-deum* do costume que acabou um pouco tarde, quando os Srs. conegos podiam engrollar aquillo mais cedo, afim de aviar os pobres soldados que rapam fome até as tantas, além de outro in-

conveniente que é as pessoas que tem visitas ver-se na obrigação de dar-lhes jantar, por que não hão de sahir as 4 horas da tarde com as tripas a *cantarolar*.

—A tropa é que devia marchar mais cedo, como antigamente.

—As vezes tambem succede que a parada está no Terreiro e o *Te-deum* não pode entrar, por que o presidente está na festa de Santa Izabel.

—Adiante.

—Não gostei do modelo do palanque; tinha assim uns ares de eça de defunto; ou semelhanças de feiras do Bomfim por causa de umas arapucas que se lhe juntaram com o nome de kiosques; os vivas nem pela tropa foram correspondidos; de vereadores só vi o barão do Rio Vermelho; á noite houve illuminação que esteve boa; espetaculo em *grande gala* no theatro, onde o *Passarinho* fez proezas e atrapalhou o Azambuja.

—Este Sr. Azambuja é infeliz com os bor-rachos, ja o voluntario Sobral chistosamente por cara de *Semana Illustrada*; agora o *Passarinho* apertou-o no theatro.

—Os homens de cavallo estiveram como sempre em seu furioso destino; para elles não ha lei nem consideração; mettem seus cavallos a galopes, esbravejam-nos por entre o povo e quem não quizer ser pisado que corra embora não tenha para onde.

—A policia, a policia. é quem quer assim. Vamos agora esperar pelo resto.

## LA VAE VERSO.

## Soneto.

Vivia este Brasil muito doente,  
Em termos de expirar, mas melhorou;  
Mas não pelos remedios que tomou,  
E sim por que sahiu de Portugal.

Assim convalescendo tal e qual,  
Passando pouco tempo peiorou,  
E nesta recalhida stuporou;  
Mais doente se acha o actual.

Soffrendo sempre e sempre definhando,  
Do termo fatal ja pouco dista. . . .  
Sangrias e fricções sempre tomando.

Moribundo ja vê sem que resista,  
Que a triste sepultura o está levando  
O partido chamado—progressista.

## DEZENFADO POETICO.

Si o mundo fosse de rozas,  
Si a gente unca morresse,  
Si houvessem só moças bellas  
Si o dinheiro só cressesse;

Que bella vida  
Se passaria,  
Ninguem chorava  
Ninguem gemia.

Si não houvessem demandas  
De crimes tantos volumes,  
Si amor so nos desse gostos  
Si não houvessem ciumes;

Que bella vida  
Se passaria  
Tanto ministro  
Não haveria.

Si a gente fosse cazada  
Sem nunca se infastiar,  
Si a mulher fosse vivendo  
Sem tanto luxo gastar;

Que bella vida  
Se passaria,  
Só dando beijos  
Ninguem dormia.

Si o peixe viesse á terra,  
Sem precisar do anzol,  
Si a gente dormisse ao fresco  
Sem precisar de lençol;

Todos teriam  
Grande riqueza,  
Sem ser preciso  
Ter avaresa.

Si não houvessem velhacos  
Que até roubam ás escuras,  
Era escusado haver cofres  
Com tamanhas feixaduras.

Si não houvessem  
Tantos ladrões

Era escusado  
Haver prisões.

Si não houvessem patifos,  
Que chupam o suor alheio,  
Ficavam portas abertas  
Se dormia sem receio.

Houveram Santos  
Na antiguidade,  
Hoje so temos  
Muita maldade.

Si não houvessem mulheres  
Sem juizo, indiabradas,  
Não se veriam no forum  
Questões tão desaforadas.

Mas ha no mundo  
Meninas bellas,  
E ha demonios  
Que são cadellas.

Se não houvessem malvados,  
Que gostam de fazer guerra,  
Não iriam sem motivo  
Tantos pra baixo da terra.

O ser valente  
E' bello assumpto  
Fazer desordem  
P'ra ser detunto.

Si não cazassem rapazes  
Sem prudencia, estouvados,  
Não se havia em boticas  
Fallar dos homens cazados;

Mas cresce a somma  
Dos descarados,  
Que julgam ser  
Muito engraçados.

Si houvessem so militares  
Com character, com valor,  
Si não se veria um bisborria  
Arvorar se em dictador.

Ha hoje homens  
De toda laia,  
Alguns que devem  
Andar de saia.

Si não houvessem padrecos  
Sem lei, sem religião,  
Não staria a mocidade  
Em tão grande corrupção.

Ha hoje monos,  
Que tem corôa,  
Passam com a capa  
Por gente bôa.

Não tivessem os tribunaes  
Empregados tão corruptos,  
Não precisava o governo  
De fazer tantos tributos.

O rendimento  
Sempre se incarta,  
Gasta-se menos  
Do que se furta.

Si os meninos deste tempo,  
Não mostrassem ja malicia,

Paes de familia gosavam  
Uma sorte mais propicia.

Hoje as crianças  
Vão a funcção,  
Des máus exemplos  
Tiram leccão.

No tempo das leis de ferro,  
Do despotismo e do mal,  
Não havia este flagello  
De guarda nacional.

Poz a reforma  
Tudo mudado,  
Queira ou não queira  
Tudo é soldado.

O antigo juiz de fora  
Roubava p'ra ter seu paio,  
Hoje os taes de Latronopolis  
Trazem cavallo, e lacaio.

Ha mil potencias  
Pelos cantinhos,  
Governam tudo  
Bacharelinhos.

Jam moços para Coimbra  
Estudarem o portuguez,  
Hoje vão para Pariz  
Voltam sabendo francez.

Voltam gamenhos  
Muito gentis,  
Trazendo uns oculos  
Sobre o nariz.

Naquelles tempos, ser medico,  
Era nobre, e cousa fina,  
Hoje estudante moleque  
Entra logo em medicina.

Si elle conhece  
Capim, coirana  
Ja de botanico  
Muito se ufana,  
Critica autores,  
Dá regra aos lentes  
Taxando a todos  
De impertinentes.  
Encontra sarnas,  
Diz que é bixigas,  
Sangra na perna  
Quem tem lombrigas.

Fallemos dos empregados  
Que é tudo gente da moda,  
Que apenas perde a pexinxá  
So quando desanda a roda.

Si elle velhaco  
Passar por serio  
Em quanto dura  
Seu ministerio;  
Mudam-se as scenas,  
Trocam-se os pares,  
Que os afilhados  
Querem logares.

## Á PEDIDO.

—Ah, mundo, mundo, quem não sabe  
viver, vae ao fundo.

—Como está hoje pachorrento!

—Ha cousas neste mundo, que so em ga-  
lhofa se pode tolerar.

—Uma dellas qual é?

—Ora eu que tenho visto recorrer-se a qual-  
quer commandante de guarda pedindo-se  
auxilio para accommodar qualquer sarceiro  
e elle negar-se, dizendo que não pode arredar  
sua gente, como devo encarar a pertinacia  
de um official que so pede para ir *destacado*  
para certo logar e ingerir-se na apprehensões  
de roubos—cousa da sua não intervenção?

—Quer beneficiar ao *commercio*.

—La para o Sr., para mim eu so vejo uma  
pura armação.

—Não é possível.

—Quer que lhe explique?

—Vamos a ouvir.

—Passa um preto com um sacco de assu-  
car roubado, o official prende-o; si o preto  
respinga, vae preso e o assucar se entrega;  
si foge deixando o furto, ou cala-se como fa-  
zem todos os ratoneiros presos em flagrante, o  
genero passa a ser propriedade do apprehensor.

—Assim pode ser; agora resta que V. me  
diga quem é esse melcorio.

—Isso nem que V. fosse *dourado*.

—Basta; quem fallou ja vae longe.

—Sabe que levou uma bucha?

—De *cincoenta*?

—Não pilherie.

—Fallo serio como um moço branco.

—Si quer ouvir, cale-se.

—Estou murecho, pode desenfrear a sua ta-  
garelina lingua.

—O sub-delgado do districto onde os *ma-  
res* batem procellosos quando venta, tomou  
uma estucha dos seis contos.

—Como?

—Trocou um bucefalo por quatro centos  
bodes que não vale *cincoenta* em mão de um  
cujo do que *será peão*, porque não anda mon-  
tado.

—O homem se mette em boas! Pois si elle  
não entende dos misteres de seu cargo, como  
quer entender de cousas de cavallo?

—Ao menos tem agora mais o que dar que  
fazer ao *camarada*, mandando-o tratar e la-  
var o animal.

—E esperal-o nesta ou naquella parte para  
segurar na redea quando elle desaparecer.

—Basta de cortar da pelle alheia; trate de  
cousa que mereça consideração.

—Então, espere que ja volto.



—Capitão, venho convidar V. Ex. para assistir a posse da nossa meza amanhã, na ordem 3.<sup>a</sup> do Santo *Seraphico*.

—Então temos alguma novidade?

—Temos muita immoralidade, capitão, os terceiros de joelhos nos pés de um frade como se fosse nos pés de Deus, e o frade *sentado* lhes difere o juramento dos Santos Evangelhos! . . . .

—Sentado! so vendo acredito.

—O frade na ordem é um bispo na sua diocese.

—Nada, vou ver isto.

—Va capitão, e tome nota de algumas senhoras, que vão tomarem posse e repare bem para o estado pouco decente em que fica o frade! . . . . .

—Temos tambem esse desfructe?

—Desfructe so, não, capitão, immoralidade e falta de religião em presença do SS. Sacramento, que se acha exposto.

—Bem, fico sciente, e tomarei as providencias.

### LEIAM! LEIAM!

Pede-se aos Srs. caixeiros de *cor parda*, que não compareçam a formatura do batalhão no domingo proximo, afim de não ficarem os LUPPE privados de comparecer; pois, na phrase de um fatuo e ignorante rapasola, a corporação so pode ser representada por *homens brancos*.

(Continuação do n.º 379)

(JOSÉ DA SERRA.)

—O Tiburcio conta a quem queira ouvir uma historia de uns 15- $\mathcal{D}$  reis bifados, cujos documentos elle possui.

As netas do africano Pedro Alves, da *moenda Joandeatá*, foram aladroadamente lesadas em 30- $\mathcal{D}$  reis, porque esse birbante illudindo a boa fé do portuguez *Januario Alvo*, apossou-se de certos papeis que interessavam a causa das infelizes orphans e depois queria negociar-os por *trinta mil reis*, isto é, impoz que não os entregaria sinão por semelhante preço.

—E' balda dos Judas; por trinta dinheiros vendeu Iscariotes a seu Divino Mestre.

Para cevar seu genio malfazejo, tomou o officio de *mata cães*, para assim tirar vingança mesquinha das pessoas a quem tem aversão, matando os pobres cachorros que sabe pertencerem a essas pessoas.

Jacta-se e tem descommedida filancia de valentão e espadachim; mas não lhe valeu as fumacas de cacetista e capoeira, quando o cabo Justino de policia foi-lhe ao beque e amassou-lhe a corneta.

Este animalejo tem o dote de intrigar com ninguem. e tem sido a causa de não poucas desavenças entre familias e amigos cuja união parecia indissolúvel.

Devagar e entoadado, para parecer banquete lhe irei contando todas as baldas de *José da Serra*.

—Como V. ia dizendo, o sujeito. . . ?

—So guarda para estudar no seu maldito offeide depois que dà meia noite.

—Que gosto endiabrado!

—E' faz uma infernal tribusana, que não deixa mais ninguem pregar olhos ate de madrugada.

—E' malignidade.

—Não ha um morador de Santo Antonio da Mouraria que não se queixe.

—Sabe a casa.

—A terceira depois do Leopoldo.

—Vou mandar o aspirante entender-se com elle.

### TELEGRAMA

Vindo pela galera *S. Francisco* das ilhas *Cal-sadenses*, capitão *L. M.*

#### NOTICIA TELEGRAPHICA

*Porto de gallo á ultima hora.*

A sociedade em commandita *Cuspo-ispo* recebeu uma encommenda de 11 calças 11, coletes e 11 bluzas, manufacturadas pelo *Badú*.

Districto acephalo, sem rei nem Rocue.

Rompimento formal do E.

Desapartamento do Mané Pereira.

Fugida do Gemi.

Passeia á larga nas *pedrinhas* pelo Hone em horas *aprasadas*.

### ANNUNCIOS.

O abaixo assignado tendo de organizar o regimento—UNIAO BRASILEIRA, pra, no domingo 5 de julho, acompanhar os carros *Triumphaes* a Lapinha, convida a tolos os seus camaradas, e amigos desse dia de *bravos* a comparecerem ás 2 horas da tarde, no Largo do Theatro, e ao Aljube em casa do seu commandante Antonio Olavo da França Guerra, uniformizados de palitot, calça e colete brancos e chapéus de viútem; dando assim mais uma prova do vosso entusiasmo e patriotismo.—Bahia 2 de julho de 1868.—*Marcelino Coelho do Amaral*.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

7 DE JULHO DE 1868.

N.º 382.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
6 de julho de 1868.

Officio ao Ilm. Sr. delegado do 1.º districto policial, chamando sua attenção para uma escola de *instrucção moral* e jogatinal da qual é director um Sr. João Marinheiro e onde vae a mocidade receber lecções de exercicios na *corda-bamba*, como tambem *aventurar a sorte* em uns pedaços de papelão com tres carreiras de numeração, contendo cinco numeros cada carreira.

E' de crer, que S. S., apesar dos crescidos afazeres em que se occupa a sua policial imaginação, afim de trazer esta cidade vasculhada de abusos, se dignará tomar em consideração este negocio de pequeno alcance.

—Ja sei que accompanhou os carros triumphaes a Lapinha.

—Que duvida!

—Muitas novidades?

—Algumas caetadas apenas e nada mais.

O sarceiro mais serio foi um conflicto entre a guarda nacional e a policia; no mais a coisa andou em ordem.

—Tambem demoraram tanto a partida dos carros. Quando voltaram da Piedade era noite.

—Isso deu animo a gente do olho vivo para trabalhar a grande.

Foi preso um larapio, o Viriato, na occasião em que tirava 20\$ reis do bolso de um estrangeiro.

—La si avenha elle com o Sr. Dr. Rocha Vianna.

Como foi a illuminação nos dois dias?

—Bem.

A policia o que devia fazer era acabar com os batuques no Terreiro, por ser um lugar impróprio, e acabar sempre em bordoadada.

—Admira como certos senhores consentem seus escravos pernoitarem fora para andarem fazendo rascadas e irem no outro dia de cabeça quebrada para casa.

—Nestes tres dias em que todos são *livres* ha liberdade para tudo.

Esquecia-me de dizer-lhe uma coisa que talvez não reparou.

—Qual foi?

—No dia 2 de julho por occasião dos vivas, a tropa conservou-se de costas para a effigie do imperador.

—Isso foi um desculpavel descuido.

—Pois houve quem interpretasse a coisa por outra maneira.

—Piolheiras!

—Soube que chegou o vapor do Rio?

—No domingo.

—Eu sempre julguei que trouxesse alguma boa noticia, para emendar-se o pagode do Dous de Julho.

—Historias!

Lopez está fortificadissimo no Tebiquary, prompto para dar e tomar, com o grosso do

seu exercito que safou de Humaita apezar de hermeticamente trancado.

—A proposito leu o *memorandum* Sinimbu no senado, em 16 do p. p., a respeito da missão especial de que fora encarregado no Rio da Prata, para regular a paz com o Paraguay?

—Li e conclui que essa paz se teria realisado em segredo, de afogadilho, occulta ás vistas desta pobre nação, que naquella guerra de—henra—derrama, ha quatro annos, seu sangue, seu dinheiro, e seu futuro, á não ser a repulsa do inimigo.

—E o imperador, que se apregoava, preferia abdicar a fazer a paz, mudaria de resolução nesse tempo?

—Leia a *Opinião Liberal* de 20 do p. p., que lhe esclarecerá a respeito de toda esse mystiforio.

—No dia 2 de julho o Sr. Jovinião de Castro atracou-se com um porteiro no theatro.

—Porque?

—O Sr. Jovinião entregou ao porteiro um ingresso estragado, e o porteiro recusou tomal-o.

O Sr. Jovinião disse que era legal o ingresso; mas que o tinha rompido no acto de tiral-o do bolso.

O porteiro respondeu que fosse a pessoa competente para o mandar entrar; porem que elle não o podia consentir.

Neste *entra, não entra, é legal, não é legal, dize tu, direi eu*, foram a via de factos, do que resultou o porteiro ficar com o palitot em tiras.

—E não foi preso o Sr. Castro por desrespeitar o empregado do theatro no cumprimento de seus deveres?

—O delegado o perdoou, em vista do dia, porque provavelmente o homem estava *exaltado*.

—E o pobre porteiro teve de fazer outro palitot com o *exaltamento* do Sr. Jovinião de Castro!!

### A UNIÃO.

Ora vamos dizer duas palavras sobre esta droga que hoje em dia é tambem rara no commercio da sociedade presente; alias sendo ella para os homens tão util e tão necessaria. A união é o emblema da boa ordem, é a columna da força, é o espelho do bom exemplo, é a sentinella do respeito, é a fonte do bem commum, é finalmente a barca veleira com que se apanha, e mata a baléa da difficuldade cravando-lhe ao caxaxo o arpão da deligencia: adeus, adeus, agora errei sem

querer; principiei a discorrer pensando que estava na Itapoam.

Senhores leitores, hajam de perdoar por que estamos em tempo de azeite de peixe, e por isso a torcida do nosso pensamento tambem se insopou nelle; mas vamos adiante antes que esfrie. Como ia dizendo, apezar de afirmarem o sabiguaras do tempo, qua a civilisação tem subido a torre do apuro, e tem repicado o sino da sabedoria, não se encontra nos homens d'este seculo senão o avesso da união, ou chamada desunião, o retrato da desordem, a imagem do prejuizo.— A união sincera, e fraternal dos antigos era feita com a intenção de praticarem obras de caridade e de estabelecerem um trabalho assiduo que produzisse um proveito seguro: os modernos ao contrario fazem união para crimes, e extravagancias. Fazem união, ou chamada guerrilha, negociantes ridiculos para atravessarem farinha, madeiras &c, &c. Fazem união homens perversos e ladrões para passarem moeda falsa flagellando assim o pobre povo. Fazem união os taverneiros especuladores negando troco aos compradores para fazerem maior gasto.

Estudam uma união fantastica os Srs de engenho inventando parentescos e raizes de familia para sustentarem a pavonada dos privilegios, e cathegorias com que vão ferrendo calotes nos pobres negociantes, que adiantam seus dinheiros.

Formam união alguns deputados na assemblea para levarem avante projectos de sua conveniencia. Fazem união empregados publicos rapinas para devorarem o miollo dos cofres publicos, bem como as formigas que se ajuntam para comerem um prato de doce; o que bem se podia acabar, se todos os feitores das roças nacionaes fossem applicando aos taes bichinhos o folle grande da lei; mas infelizmente ha formigueiros tão grandes e tão occultos que não ha fogo que os extinga, mormente quando são protegidos por alguma tanajura de representação. A esta hora alguem está botando esta carapuça na cabeça: Ah maganões, e como fica tão justa que parece feita de proposito para certos cabeçudos! Tambem se nota que na ausencia dos amos os caixeiros gostam muito de união no pé da gaveta por ser o logar mais quente, e mais resguardado do frio.

Mas deixemos de parte as uniões corruptas e prejudiciaes, e vamos as boas e verdadeiras uniões, que dão proveito.

Entre outras muitas é assaz apreciavel a união dos cazados, porque traz com si o socego de espirito, a economia domestica, o conceito publico, e sobre tudo o fabrico de

crianças, que depois de creadas augmentam a população, e servem ao estado. E' tambem estimavel, e muito util a união dos filhos: a união dos militares produz a força, e estabelece uma fortaleza inconquistavel: a união de vozes bem graduadas tempera uma harmonia melodioza e agradável, e finalmente é tão proveitosa a boa união, que as abelhas por terem união e trabalharem todas de comum accordo, tirando diminutas particulas de cera das arvores, ajuntam centenas de arrobas, que chega para se metter na mão de cada padre uma vella grossa de libra. Em summa a peor união que ha é a do fogo com a polvora, porque produz incendio, serve para matar, nutriendo assim a maldade dos homens, e outras vezes para foguetes que vem a ser o mesmo que queimar dinheiro sem utilidade alguma.

A união as vezes parece impossivel de conseguir-se, porem uzando-se de constancia, geito e paciencia, estes tres ingredientes formam uma massa chamada de costume, com a qual se rebocam os buracos da vida.

A união tem feito grandes descobertas, e muitas vezes uma cousa insuportavel por meio da união torna-se agradável, bem como o limão que unido ao assucar forma uma saudavel limonada; o barro, a cal, e a arêa por si so não se sustentam, mas unidos por meio d'agoa sustentam columnas, e bases de pezados edificios.

## MAXIMAS.

A união dos cazados  
Produz bons bocados.

A união da riqueza  
Conserva a grandeza.

A união dos amantes  
Trez doces instantes.

A união dos amigos  
Afasta os perigos.

A união das flores  
Recorda os amores.

A união dos pensamentos  
Aviva sentimentos.

## LA VAE VERSO.

## MOTTE.

*Pergunta certa senhora  
Sem presumir mal algum,  
Se um so beijo á sexta feira  
Fará quebrar o jejum:*

## GLOSA.

Padre mestre aposentado,  
Pergunto e saber desejo,  
Si quebra o jejum o beijo.  
Sendo á sexta feira dado:  
Eu no Larraga encontrado

Não tenho o caso té agora  
Por isso alguma demora.....  
Nada — não se canso muito  
Que eu ca por mim não pergunto  
*Pergunta certa senhora.*

Olho, si ella o beijo deu  
Simpliciter — não peccou,  
Que a lei a ninguem tirou  
Poder dar o que era seu;  
Com tudo si fora eu  
Beijo não dera nem um,  
Porem como deu so um,  
Não tem o jejum quebrado,  
E muito mais sendo dado  
*Sem presumir mal algum.*

O nosso padre Melgasso,  
Que eu por ca seguido vejo,  
Nos diz que o solido beijo  
Sustenta mais que o abraço;  
Eu tal distincção não faço,  
Nem distincção verdadeira  
Fazer posso, inda que queira,  
Pois não sei qual mais seria,  
Si um abraço em qualquer dia,  
*Si um so beijo á sexta feira:*

Pode então sem ser peccado,  
Qualquer secular ou freira  
Dar um beijo á sexta feira,  
Sem ter o jejum quebrado?  
Pode, sim, sem ter formado  
Nesse instante gosto algum,  
Nem dará mais do que um,  
Pois se deu mais, ou fez gosto,  
Como o beijo é já composto,  
*Fará quebrar o jejum*

## Á PEDIDO.

—Capitão, o yoyo Lupp não foi ao batalhão.

—Deixe o *pedantismo* d'aquelle stulto; entende elle que a posição de caixeiro enobrece, ao contrario não avilta por ser meio honesto de vida; o que é certo é que os poucos *negros* do commercio podem ter todos os defeitos da natureza, porem não se **ESPANTAM** nem em dia de regosijo publico

—Deveras! capitão, e elle que parece um diplomata!

—De Baccho, talvez, quem sabe?

—E' certo!!

—Não sei; entenda-se com a Bohemia que logo saberá quem é o tal bigorriha.

Foi apresentado ao Exm. presidente da provincia o novo regulamenao do instituto vaccinico; afim que de S. Ex. o sancione com a sua approvação.

Espera-se que antes que S. Ex. dê somen-  
hante passo, submeta o referido regulamen-  
to ao exame dos profissionais, a fim de expur-  
gal-o das lacunas, omissões e invasão de at-  
ribuições de que se acha cívado.

*O bom senso.*

### MONIZ BARRETTO.

A vida, que, de Deus, tomou nascendo,  
Foi, a Deus entregal-a, e unir-se á Elle.

Não chorarei: que esta terrena vida  
E' um crisol, que as sensações apura  
Para chegar a Deus mais casto o spirito.  
Não chorarei: que a occasião da morte  
E' e degrau mais alto para o Eterno.  
(*Junqueira Freire.*)

Eil-o sem vida—o grão cantor bahiano,  
—Vate sublime, que, em sublimes vãos,  
A's espheras mais altas remontava  
Seu spirito ardente, inspirações  
A beber; la dos seres mais perfectos  
Para, por sobre a terra derramal-as,  
Que, em extasi, as sorvia, arrebatada.  
Eil-o sem vida!!!... miseravel fado  
Legado á humanidade! E quanto custa  
A ser aceita esta verdade eterna  
Contra aquelles, a quem rendemos cultos  
Do intimo do peito!... contra aquelles,  
Cujas obras—de merito subido  
(Si não fôra o decreto irrevogavel  
Do Supremo Legislador do mundo)  
Bastaram, so, para—immortaes—fazel-os?!  
Morreu—Moniz Barretto—eis a verdade!!  
Morreu...ouvistes vos?...morreu seu corpo,  
Presa das parcas, e dos vermes pasto;  
Seu corpo, apenas involtorio fragil,  
Que o tempo gastará, tornando-o po,  
Que o mesmo vento extinguirá, soprando-o:  
Mas eterna memoria ficará  
De—vate grande, encantador, mellifluo!  
Mas eterna memoria ficara  
Dos feitos seus no Pirajá eterno,  
Onde, com seus irmãos, a suspirada  
Liberdade comprou-nos com fadigas!  
Mas, eterno, qual é, o seu espirito,  
Que o Tempo não destroe, irá viver  
Nas altas regiões, d'onde baxara  
Para vir encantar os homens ca  
Com sua voz angelica, sonora.  
Ahi, a par dos anjos, seus irmãos,  
Ja da materia desligado, oh quanto  
De arrebatat seria ouvir-lhe um canto,  
Que ouvir-nos não é dado! Deus eterno,  
Si é linguagem dos anjos a poesia,  
A quem, sinão a Vos, o nosso bardo  
Dedicará seus carmes? Que sublimes,  
Angelicas canções delle ouvirás.  
Si ainda dos humanos lhe é mister  
A prece, grande Deus, aceita, pois,  
As orações ferventes, que, dos peitos;

Sincoras, te mandamos: sim, escuta  
Tambem as suas em favor dos homens,  
Seus irmãos, que ainda ficam no desterro,  
Sua ausencia chorando, tão sentida,  
Do praser exultando pela gloria,  
Que, certo, gozará, la no teu reino,  
Quem soube amar-te, como poeta, que era,  
Com o fogo ardente, que a poesia acende.

Bahia 25 de junho de 1868

*Zacarias Nunnes da Silva Freire.*

Muito caprixosa é a mão da sorte no Tri-  
bunal da Relação quando é necessaria para  
certas decisões!! Tempo porem virá que a sor-  
te se mude.

*O magico.*

Ha dias entrando em julgamento os recur-  
sos de Santa Anna, sendo sorteados os Srs.  
dezembargadores Luiz Antonio e Spinola,  
deixaram de ter provimento, contra o voto  
do Sr. Dez. Manoel Libanio, que foi o relator  
e que na forma do costume explicou minucio-  
samente os autos fazendo conhecer a justiça  
do recorrente: e porque assim se decidiu?

Porque.....

## ANNUNCIOS.

### DOUS DE JULHO DE BROTAS

Na noite de 11 do corrente será a levada  
do carro triumphal ao largo do Paranhos,  
donde seguirá no dia 12 ao meio dia prece-  
dido do monitor *Alagoas* e acompanhado  
pelos batalhões patrióticos até os barracões  
que se acham decorosamente ornados.

Haverá illuminação ate o dia 18 em que o  
carro percorrerá as ruas ate as Pitangueiras  
e dahi seguirá a seu deposito.

Convida-se ao povo para este festim da li-  
berdade.

Na venda n.º 10, ao Caminho Novo do Gra-  
vatá, precisa-se fallar ao Sr. tenente pharma-  
ceutico, José Henriques Barbosa, para nego-  
cio que não ignora.

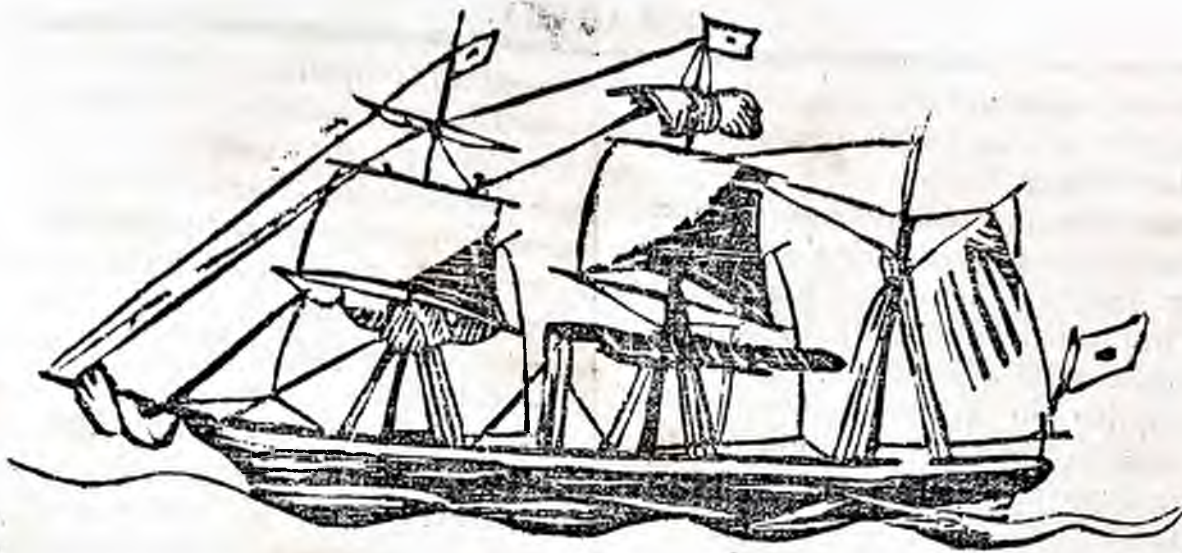
### SUPERIOR

### RAPÉ---POPULAR

DA FABRICA

*De Texeira, Uldorico & C.*

Deposito as Grades de Ferro, 65,  
1.º andar.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 33.

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE JULHO DE 1868.

N.º 383.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
8 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr subdelegado de Santo Antonio, requisitando-lhe a intervenção de sua authoridade afim de acabar com a depravação de uma tal Anacleta, muito conhecida pelo appellido de *lençol de cama*, que faz do adro da matriz theatro de sua sensualidade, em companhia de certo individuo, cuja moralidade, era de esperar, fosse pautada por procedimento mais decente.

E como, para repressão de tal escandalo, não seja preciso mais do que uma ordem as patrulhas para conduzil-os aos commodos do Custodio, que dista dalli á dous passos, onde pode esse par entregar-se livremente a suas libidinosas recreações, assim espera-se que proceda S. S.

—Onde estava a commissão dos festejos do Dous de Julho, que não appareceu um so membro á levada dos carros?

—Eu sei lá!

—Do patriotismo della o diabo põe ás duzias.

—Não diga assim: a commissão fez o que ponde.

—Pois é la patriotismo consentir que os carros fossem puchados por moleques descal-

ços, e africanos esmulambados, ás escuras, até a Lapinha! Que dez era um cento de archotes que a tal commissão dispendesse.

—Forte catana é a sua!

—E' que quem não é para as cousas não se metta nellas.

—Estou a ferro, capitão.

—Esfrie o sangue, rapaz; o que tem que está tão zangado?

—A policia desta terra é surda e cega.

—Mas; deixe lá a policia na sua *marcha impassivel*.

—Essa é que é boa!

—Mas o que ha?

—Na noite de 4, um moço bonito, montado em seu ginete, tanto o esporeou na rua Direita de Palacio, tantos pinotes deu, tanta geringonça fez, que deu com um pobre preto no chão, o qual trazia um cesto cheio de garrafas de vinho que se reduziram a cacos.

Na rua da Misericordia, um outro desembestado pisou uma criança e la se foi.

Isso é intoleravel!

—Que quer V., si não ha força de policia?

—Não creia nessa pèta.

—Tanto não ha que a guarda nacional faz o serviço da policia.

—Essa pilula não engulo eu; pois vi nas noites de 2 e 4 a policia dar guarda de honra para o theatro com 80 praças. O que ha é que elles andam espalhados como creados das authoridades e não chegam para o serviço.

- Ora essa não está má.  
 —Está porque dizem que a guarda nacional está dispretigiada.  
 —E' verdade; onde se viu um homem de farda atirar busca-pes no meio do povo!  
 —E um sargento de mais a mais. E' desmarchada imprudencia, com tanto povo que acompanha a volta dos carros.  
 —Na esquina do Aljube queimou elle a roupa de uma mulher, a qual, si não é soccorrida, pode ser que ja estivesse no caminho da outra vida.  
 —E' do batalhão de Sant'Anna, não?  
 —E'.  
 —Vão lhe dizer alguma couza que ainda ha de querer brigar.

### A VIDA DE CERTA GENTE.

Eis aqui um problema a cuja vista se acharia atrapalhado o proprio Archimedes, esse insigne geometra, que com espelhos lançou fogo a uma armada.

Eis aqui um mysterio, cuja difficil metaphysica não seria entendida pelo proprio Santo Agostinho, si nestes tempo viesse de novo ao mundo.

E este problema, este mysterio—é a vida de certa gente que por ali anda.

O Senhor Jozé Antunes acorda ás dez horas do dia, vae ao hotel, almoça do melhor, muda de roupa trez vezes ao dia, tem as *bellas* mais em voga a sua disposição, sustenta cavallo e criado e no fim de tudo isto.....

—De que vive o Sr. Jozé Antunes? se pergunta.

- De seus rendimentos.  
 —Quaes são elles?  
 —Do seu emprego.  
 —Não, que não é empregado.  
 —Então joga.  
 —Qual! si elle tem aversão ao jogo!  
 —Então tem alguma amante viuva.  
 —Não, que não gosta de amar a viovas.  
 —Então do que vive?  
 —Eu sei!.....

Ninguém sabe. Ora decifrem la esta charada, e si alguém houver tão feliz venha receber o premio.

O Sr. Candido da Silva é um homem casado, tem seis filho; mora em bom sobrado; anda elle, mulher e filhos muito acciados, todas as noites dá reunião em sua casa; as filhas aprendem a piano, os filhos vão de cadeiras para a escola, assigna gazetas, e faz sua extravagancia, quando a occasião lhe apparece.

—Gente, que emprego tem o Sr. Candido da Silva, pergunta-se por ali.

—Penso que é feitor conferente d'alfandega.

- Qual, é apenas guarda.  
 —Elle terá outros rendimentos?  
 —Não que me conste.  
 —Negociará particularmente?  
 —Não, porque é muito escrupuloso.  
 —Tiraria alguma sorte na loteria?  
 —Tambem não.  
 —Então de que vive?  
 —Eu sei!  
 —Então como faz tanta despeza?  
 —Eu sei!  
 Ninguém sabe.

Ora respondam la a taes perguntas! Quem se achar habilitado que appareça.

D. Romana Francisea, enviuvou; o marido nada deixou, porque era um estragado, e tudo botava fora, e inda em cima lhe deixou quatro filhas.

Coitada de D. Romana, dizem todos. Mas ella continua a morar na mesma caza, vae aos domingos a missa, lordemente vestida; offerece licor e doce a qualquer visita que apparece e pinta a casa de seis em seis mezes.

—D. Romana do que vive? pergunta logo alguma vizinha curiosa.

- Dos bens que lhe deixou o marido.  
 —Qual! si elle não deixou nada.  
 Cose dia e noite para viver,  
 —Qual! ella paga as costuras.  
 —Então do que vive?  
 —Eu sei!

—Como sustenta o tratamento que tem?  
 —Eu sei!

Ninguém sabe. E' enigma intrincado que ninguém resolverá.

D. Felismina do Amor Divino, ficou orfan, em companhia de sua tia de 80 annos. Come e tambem a tia; veste e tambem a tia; passa a festa no Papagaio e tambem a tia; arrotta grandeza, e regeita casamentos, porque em quanto tiver as suas mãos, diz ella, não precisa de ninguém. Suas costuras lhe dão para viver.

—Quanto se paga de uma camiza bem coisida? inquirem logo os maldizentes.

- Cinco patacsa.  
 —E em que tempo se coze uma camiza?  
 —Para quem cose depressa, em 3 dias.  
 —Então como vive de suas costuras?  
 —Eu sei!

Ninguém sabe, e D. Felismina passa optimamente.

Sr. Anastacio da Trindade tem uma loja de uma só porta com canivetes, thesoiras, colheres de estanho, colxetes, ganxos e charutos, sustenta mãe e irmans, não perde theatro nem divertimento em que se dê ou gaste dinheiro, faz suas paradas ao jogo, anda penteado, fuma bons charutos, tem logo duas a-

masias por sua conta, muda duas casacas por anno; acha-se em todas as festas já do Bomfim, já da Barra &c., sempre a cavallo, ou empregado ou de aluguel, arremata em leilões, compra nas feiras, e dá occasião a que se pergunte:

—Onde acha Sr. Anastacio tanto dinheiro para gastar?

—Homem, elle tem uma lojinha.

—E vende muito?

—Eu sei! eu sempre o vejo encostado conversando.

—Mas elle rola com muito dinheiro.

—Eu sei!

Então quem será capaz de conhecer a vida de certa gente que por ahí anda! Ninguém; pois hoje já não ha quem advinhe.

Mas, as agencias estão em acção. Hoje se queixa um que lhe furtaram dous escravos. Amanhan grita outro que lhe arrombaram a loja. Dahi a dias lá se dá com uma fabrica de papel falso, que tem seus passadores. Em alta noite lá entra um embuçado na casa da costureira, e a viuva tem um procurador de seus papeis e demandas que é muito seu amigo.....

Mas, caluda, e viva a vida de certa gente!

## LA VAE VERSO.

### O PHOSPHORO

#### Motte

*Fiz a minha habitação  
Nesse jardim de teu peito,  
Com a minha propria mão  
Eu plantei amor perfeito.*

#### GLOSA.

Está ja proximo o dia  
Da tão fallada eleição!  
Viva Deus! viva a alegria,  
Cobres, petiscos, função!  
Eu, como sou da folia,  
Em casa do capitão,  
Com toda esta bizzarria  
*Fiz a minha habitação.*

Ainda no mez passado,  
Elle fallou deste geito:—  
—Si eu for o mais votado,  
—Si conseguir ser eleito,  
—E si sahir deputado,  
—Dou-te um palitot bem feito,  
—E um *couza* dependurado  
—*Nesse jardim de teu peito.*

—Ja tens seis nomes trocados,  
—Um em cada quarteirão;  
—Traz elles bem estudados,  
—P'rá não fazer confusão:

—O mais . . não te dê cuidados,

—Não és *phosphoro*: és cidadão

—Eu ja preparei os—dados—

—*Com a minha propria mão.*

Que lhe parece o sujeito?

Cuida quo me passa a perna

Co' a tal —*couza*— cá do peito?

A um figurão de taverna,

Não se engana desse geito!

Mas eu vivo de—lanterna;

Si não ficar satisfeito,

Na minha ganancia eterna

*Eu plantei amor perfeito.*

John Colden.

## Á PEDIDO.

—Que marca de judas é esse que me traz V.?

—E' o major *Corta-vento*.

—Olá! ha muito que desejava ter por essa firma.

Ora vejamos si o typo eguala ao retrato que me pintaram do lorpa.

Estatura de canguinchas, maior de seus 70, palitot curto, calças de camello, chapéu a laia de moleque capoeira.

Tal qual.

—Fui pegal-o na cidade do negocio, na loja de *caranguejos*, seu ponto certo.

—Então é este marreco que omisiou em sua casa a um sujeito puro e *candido*, de consciencia limpa como um *ribeiro*, fabricante de *etiquetas* de charutos, as quaes pela semelhança que tinham com o papel moeda de Latronopolis, a policia embirrou?

—E' este melcorio mesmo.

E era tão innocente, que tratou logo de metter-se no matto, onde foi encontrado todo borrado pelo *Antonio do Barroso*.

—Não é elle tambem que foi a causa da ruina do genro, reduzindo-o a completa miseria, depois do que plantou mil sizanias no lar do incauto moço, dando em resultado de tudo isso o apartamento da consorte?

—Sim, Sr.

—E que dizem mandara pelo *Pereira* para *Lisboa*, *cunhas* afim de arranjar por intervenção do *Antonio* certos negocios *mysteriosos* que so elle e o *Luiz* sabem?

—Justamente.

—Dous pares de machos ao pescosso desse rato de cloaca, até segunda ordem.

(*Continúa.*)

—Capitão, diga-me uma coisa e algum doente,

—Si souber.

—Nas festas do Bor sempre, e visse me



prohibir a passagem do carros e cavallos pelo campo?

— E' verdade.

— E porque na cidade não se faz o mesmo; principalmente no Terreiro nos festejos do Dois de Julho?

— Pergunte ao chefe de policia.

— Não precisa; porque eu sei a razão.

— Si sabe para que me perguntou.

— A razão, é porque nas festas do Bomfim as senhoras aristocratas andam pele adro e estão sentadas em frente de suas casas, e correm o risco de serem pisadas; porem no Terreiro que é o povo—*massa bruta*—que concorre com suas familias, não faz mal que fique esmagado pelas patas dos cavallos.

— Olhe que V. sabe-se com lembranças!

## VARIÉDADES.

### COMPARAÇÃO DAS MOÇAS COM AS FLORES.

Moça de estatura regular, alva, e bem feita de corpo—*cravo branco*.

Moça de estatura regular, e cor morena—*cravo vermelho*.

Moça gorda, alva, corada e vistosa—*rosa de Alexandria*.

Moça viuva, baixa e gordinha—*suspiro roxo*.

Moça dançadeira de polka, e aproveitadeira de bailes—*rosa descarada*.

Moça muito gorda, de bunda grande e seio cahido—*gira sol*.

Moça trigueira, gorda e malfeita, de corpo—*flor de graxa*.

Moça falladeira, e de bocca grande—*trombeta*.

Moça alta, magra dengosa—*junquillo*.

Moça baixinha, gorda e alva—*bugarim*.

Moça bonita, vestida de luto aliviado—*saudade roxa*.

Moça gorda, alva, pallida e romantica—*jasmin do cabo*.

Mulher de capona com lenço na cabeça—*mangiricão graúdo*.

Mulher velha, e infeitada de toca de babados—*beijo de frade*.

### UM PEDIDO DE CASAMENTO.

Refere uma folha a seguinte anecdota.

Domingo passado, John Muggy de Chelsea passeava com Maria Whitely encantadora filha de um serrador, na grande alameda que desemboca no parque de Battersea.

Os dous jovens passeadores desceram para as margens do Tamisa e abi remontavam a corrente, cujas aguas pouco limpidas vinham bater em seus pés.

O coração de John se fundia; a tanto que seus labios húmidos recusavam pronunciar a palavra magica. Enfim decidiu se.

Maria acolheu a confissão com uma gargalhada cheia de franqueza. John de olhos lacrimosos instava

para que ella o aceitasse por esposo, declarando que se persistisse em uma cruel recusa, elle se atiraria ao Tamisa; esta ameaça, porem, não produziu effeito.

John feijido na alma e desesperado entra no immundo rio, caminha depois para o seu leito até que agua gelada lhe chegasse aos hombros; contudo antes de pôr em pratica seu sinistro projecto, recua e exclama tremendo de frio.

— Quer ou não casar comigo?

— Não!

Então elle mergulha; depois, ficando com agua pela barriga, gri a ainda uma vez:

— Quer ou não?

— Não!

Outro mergulho. Desta vez John deixa apenas um anel de seus cabellos na superficie das aguas como para servir de uma ultima supplica.

Eis, porem, que o nosso excentrico debatendo se deixa sabir a cabeça do liquido elemento e gita pela derradeira vez; não podendo conter o choque dos dentes uns nos outros.

— Eu... tão... quer... ou... não?...

— Não!

Esta resposta parece produzir em John uma grande impressão.

— Pois bem, não me importo .. disse elle nadando vigorosamente para a margem. Seria a senhora tão tola em acreditar que eu John Muggy me afogasse por sua causa? Boas! o diabo me leve se cahir em outra!

John transido sahio do Tamisa e correu a bom correr até a casa onde chegou indubitavelmente muito molhado, porem com mais juizo do que quando de lá sahio.

### GENEROS REFRIGERANTES.

Camizas de panno de linho velhas.

Agua de coco molle bebida as 11 horas.

Beliscões as escuras.

Umbigada de lundú.

Chapen de palha.

Banhos de bica.

Abracos de moça bella.

Elogios de mestre.

### ACTOS ESPANTOSOS.

Noticia de morte na familia.

Perda de dinheiro da algibeira.

Queda de cavallo.

Encontro de credor com o devedor.

Applicação de sangria.

Mordidella de cobra.

Passagem de dinheiro falso.

Impetos de valentão.

Meirinho na porta.

Recado de namorada.

### MAXIMAS DO PROGRESSO.

Quem mata disem que é louco,

Quem rouba é porque precisa,

Quem diz asneiras é tolo,

Quem stá nú não tem camisa.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

11 DE JULHO DE 1868.

N.º 384.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
10 de julho de 1868.

#### REQUERIMENTO DESPACHADO

Os moradores das casas do Paranhos á Estrada Nova, quina do Ferrão, pedindo providencias para poderem sahir á rua. visto se acharem impossibilitados em consequencia de uma extensa lagoa, proveniente de agoas estagnadas em rasão de não haver escoamento pelo excellent systema do calçamento.— Esperem que chegue o sol para seccar as agoas.

—Estou vendo o dia em que o *Interesse* sahe, dando noticia que o chefe de policia dera um espirro.

Agora não se occupa de outra cousa!

—E' verdade; por da cá aquella palha um artigo de elogio.

—Muito clara ao *Interesse* é a policia.

—Ou é o *Interesse* que é muito caro a policia?

—Tambem pode ser.

—Muito Bem! morre uma infeliz sem os soccorros spirituaes por indolencia e preguiça do sachristão!

—Como assim?

—Na noite de 8 do corrente, passava pela

frente da sachristia da Sé e vi uma pessoa batendo apressadamente e pedindo a Sagra-da União para uma enferma que estava á expirar.

O sachristão, que mora mesmo no consistorio, veio de la se espreguicando e disse que aquillo não eram horas de se dar a Santa União a enfermos.

— Está direito!

—Eu tomei interesse pelo negocio e fui até a porta da doente. De manhan tive a curiosidade de ir indagar como passara e ja achei-a cadaver!

—Acho-lhe toda rasão, porque não havia de expor-se ao frio áquellas horas por uma cousa tão frivola.

—Pois um machacaz daquelles sente la friol! Diga que é pelo desdem com que todos olham para suas obrigações, que eu concordo.

—E' assaz reprovavel o procedimento de certos armadores, cerieiros e musicos, os quaes logo que têm noticia de que ha alguma pessoa muribunda em qualqoer casa, se apresentam atupetados de cartas de empenho pedindo a armação, a cera e a musica.

—E regateiam em tão altas vozes o preço do caixão, mortalha, fazendas etc., que muitas vezes são ouvidos pelo enfermo, causando-lhe assim mais angustias na hora extrema.

—E' um procedimento indigno e deshuma-no, improprio da civilisação desta terra.

—Eu, si por accaso, tivesse algum doente, do que Deus me livre sempre, e visse mo

entrar pela porta semelhantes aves agoueiradas,  
os tanguia a toque de caixa.

—E assim deviam fazer todos, com tão sorridas creaturas, que sem respeitar a justa dor alheia, procuram magoal-a.

—Este nosso presidente sahe-se com boas!  
E' fertilissimo. . . . .

—De intelligencia?

—Eu mesmo não sei de que.

Pois o homem dizer que despachou a 12 de março um requerimento que lhe foi apresentado no 1.º de maio!

—V. está com a cabeça ardendo.

—Hei de ser eu mesmo.

—Semelhante disparate so de uma destemperada cachola, entupida de aparas de stulticie.

—Homem, eu li isso n'um officio que o Sr. Severiano José Moreira, presidente da camara de Maragogipe, publicou.

—E' que o homem quiz passar seu repellido no presidente.

—Conheceu o cadete Speridião?

—Muito. Foi um dos bravos que deu a vida pela patria nos campos do Paraguay.

—E vê aquella senhora que alli vae se lastimando?

—Perfeitamente.

—E' a mãe d'elle, que foi fallar ao presidente e foi repellida pelos criados de S. Ex. que disseram não tinham ordem para deixar entrar mulher de capona.

—Está direito, mesmo que a justiça não é para gente de semelhante ordem.

—Capitão, acaba de dar-se um acontecimento luctuoso!

—O que foi homem?

—O Sr. Pedro José de Castro foi assassinado por um empregado do matadouro, conhecido por João Cabocolinho.

—E o que deu origem a tam desastroso acontecimento?

—Dizem que uma bofetada dada por aquelle Sr. no offensor.

—Uma irreflectida imprudencia retribuida por outra mais arrojada.

### LA VAE VERSO.

Minha terra tem morcegos  
Que são como as sanguessugas,  
Nossas moças tem umbigos,  
Os umbigos tem verrugas.

Minha terra tem jaqueiras  
Onde pousam gaviões,

Minha terra é mui feliz,  
Tem ministros bem ladrões!

Nossas grizettas tem luzes,  
Nossas luzes mais pavios,  
Nossas ruas tem caxorros,  
E caxorros mais vadios.

Nossos prados tem mais vaccas,  
Nossas vaccas tem mais teta,  
Nossas tetas dão mais leite,  
Nosso leite tem mais peta.

Nossas moças tem mais bundas,  
Nossas bundas mais roliças,  
Nossas velhas mais muxibas,  
Nossos padres dizem missas.

Nossa terra tem mais frangos,  
Nossos frangos mais capões,  
Nossas casas tem mais muros,  
Nossos muros pastelões.

Nossos rios tem mais agoa,  
Nossa agoa é mais cristallina,  
Nosso nariz é mais grosso,  
Nossa garganta é mais fina.

Nossa terra tem mais padres,  
Nossos padres são casados  
E os filhos destes padres  
Só se chamam afilhados.

Nossa terra tem mais bollos,  
Nossos bollos mais mexidos,  
Nossos mexidos produzem  
Certos ventos espremidos.

Em nossos campos se encontram  
Figurões a cada passo,  
Todos elles tem engenhos,  
Seus engenhos tem bagasso.

### Motte

*As moças de certa rua  
Tem todas nariz cumprido*

### GLOSA.

Tem caras de meia lua,  
Tem as ventas de fornalha;  
So vivem comendo palha  
*As moças de certa rua.*  
A mãe é velha perúa,  
Ja tem um bico torcido,  
Anda em busca de marido  
Para casar todas quatro;  
Mais as taes caras de gato  
*Tem todas nariz cumprido.*

### Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—A discussão pela imprensa do pleito em que são contendores os Srs. coronel Antonio Pedrozo de Albuquerque e An-

tonio de Oliveira Barros, veio realisar um facto, cujo presentimento ja sorprehendia todas attentões.

Quem conheceu, como nós, de perto, o Sr. Barros e mais ainda, por infelicidade, o seu defensor do *interesse publico*—o *inimitavel ca-roqueiro para a exploração de minas*—ja se admirava ate o espanto de que a travada por tanto tempo se circunscrevesse unicamente no estreito ambito de uns autos.

Esse espanto, porem, cedeu á realidade, e o juizo universal desta cidade está confirmado de um modo irrecusavel.

Não era que desde o principio desta *celebre* questão, não estivesse a mente do Sr. Barros a arder-lhe em delirios de febre para trazer a tela da tribuna universal a defeza de seus *direitos conculcados*, febre sustentada e inquinada pelo sordido interesse do escriptor do *interesse*—não; mas era que receioso das consequências que da precipitação desse acto podiam dimanar, cauteloso esperava o primeiro verbo da justiça.

Esperou muito porque ainda esperou o segundo, e so agora, quando não poude mais conter as evoluções frementes que se manobravam em seu peito, o desespero extremo fel o apparecer hypocritamente contricto e inculcando-se de victima, para captar a aura publica, que por todos os modos lhe é infensa.

Representou perfeitamente de morego.

Está soprando com toda a intensidade do pulmão para ao depois sangrar de rijo e desapiadadamente na arteria.

E' assim que o seu matreiro defensor, depois de longa hesitação pela amizade que o liga aos contendores, resolveu-se a aceitar o encargo, para que, em hypothese alguma, o erro, a mentira e a fraude podessam trazer utilidade a quem quer que fosse.

Que outra qualquer pessoa, ainda que injustamente, chamasse aos tribunaes o Sr. coronel Pedroso, e ali contra elle extravasasse deshumanamente toda a bilis do seu odio—va que seja, porque o mundo é um perfeito enxerto; mas que esse facto fosse praticado, a luz meridiana e tam de fresco, pelo Sr. Barros, que em todas as partes onde não ia, mandava dizer que o Sr. coronel Pedroso era o seu pae, seu protector, seu Deus, seu tudo, isso é o que excede a toda meditação, e compunge demasiado os espiritos calmos e reflectidos, que ainda depositam confiança nos homens e nas cousas.

Essa surpresa, porem, e essa dor não tem a minima relação com o escriptor do *interesse publico*, cuja degradação não ha mais descer. Surpresa e dor appareceriam, si elle não aceitasse esse encargo, de harmonia com todos os effectos de sua nefanda vida.

Ellas somente se referem ao Sr. Barros, em quem depositavamos ainda alguma confiança, qual a que sóe e deve inspirar a gratidão e o reconhecimento.

Ninguem ha ali que não saiba a *entente cordeale* que unia em um só amplexo os Srs. coronel Pedroso, Barros e o escriptor do *interesse publico* (cuja nome, no pensar do circumspecto Sr. dezembargador Silva Gomes, hoje faz asco pronunciar-se) e os favores immensos e incalculaveis que os dous ultimos recebiam do primeiro incessantemente.

Pois bem, nada disso valeu; e eis-os que de mão armada arremettem contra elle para a viva força tirarem o que por vontade não poderam alcançar.

Basta por hoje, porque a nossa tarefa é grande. Acompanharemos esta questão quer pelo lado do direito, quer do facto, e ali então desenvolveremos o assumpto, como o permittirem os nossos fracos recursos.

Zenon.

—Leu o *Diario* de 9 do corrente?

—Não.

—E' pena

—Por que?

—Para ver o Ferreira Bastos, empresario do theatro de Sergipe, elogiando-se e a sua familia.

—Não o julgo capaz de tamanha immodestia.

—E' a pura verdade. Vivemos n'um tempo em que as *obras de encomendas* são as de mais valor.

—Petax!

—Pois escute. O Ferreira Bastos, tomou por empreza o theatro de Sergipe; veio a Bahia contratar artistas, e só achou, alem de sua familia, o Flavio e sua mulher a Sra. D. Filomena. Segundo corre, tanto estes, como aquelles já são muito conhecidos no lugar, porque la estiveram annos; já vê que não são fructas novas, e para *engodar* a boa fé do publico de Sergipe, o Sr. Ferreira Bastos, formula um elogio ao presidente daquella provincia, e nelle encaixa o elogio dos artistas por elle contratados. Ora a decantada companhia, segundo é voz publica, compõe-se das Sras. D. Izabel Maria Candida, D. Dorothea, e o artista Augusto, marido desta e genro daquella, todos pertencentes a familia Bastos; vão mais o Sr. Flavio e sua senhora, e o artista Bernardino que lá ja está residindo e tem representado; e diz o Bastos, no *Diario* que contratou artistas de nomeada, quando so dous merecem esse nome, a Sra. D. Izabel e Flavio; ou quizera que me dissessem o que é a Sra. D. Filomena, em scena, qual o papel que fez aqui ou em outra provincia por

onde tem andado, que agradasse: Si tem sido tolerada no theatro da Bahia, é somente por consideração a seu marido

—V. tem uma lingua damnada!

—A prova de que digo a verdade é esta:

Na empresa do Coimbra, em Pernambuco ella não teve logar, e o marido só é que foi contratado, a Eugenia e Furtado Coelho não a quizeram, apesar daquella ser sua comadre.

—E V. a me tomar o tempo com intrigas de bastidores!

—Já vê que tenho razão quando digo que o Bastos só quiz elogiar sua familia, praticando assim uma indecencia, pois que não leva nada novo para Sergipe; emfim não leva uma dama que cante, por que tanto a D. Dorothea, como a D. Filomena, não dão uma nota afinada que se possa ouvir, a Sra. D. Isabel, com quanto seja uma artista de merito não canta, o Augusto é muito desafinado, só os Srs. Flavio e Bernardino, é que cantam. Tenho ou não razão?

—Sem duvida; la se hajam

## VARIÉDADES.

### COMPARAÇÃO DAS MOÇAS COM AS FRUCTAS.

Moça alva, bonita e agradável—*banana de prata.*

Moça morena, bem feita e engraçada—*figo.*

Moça muito gorda, de seio grande—*jaca molle.*

Moça muito alta e corpulenta—*cana cayana.*

Moça magra e feia—*tamarindo.*

Moça baixinha e desengraçada—*juá.*

Moça gorda, muito corada, com espinhas na cara—*ananaz.*

Moça amarella, fraca e barriguda—*abobora d'agoa.*

Moça teimosa e impertinente—*côco de piassava.*

### MANDAMENTOS DE DESGRAÇA.

*Logares pessimos de se preencher.*

1.º Ser imperador com ministros trahidores.

2.º Ser thesoureiro com cofre vasio.

3.º Ser enfermeiro de doente impertinente

4.º Ser marido de mulher infiel.

5.º Ser pretenlente de favores de ministros.

6.º Ser professor de estudantes estupidos.

7.º Ser chefe de empregados madrassos.

8.º Ser medico de doente extravagante.

9.º Ser pae de familia em tempo de carestia.

10.º Ser general com officiaes covardes.  
Estes dez mandamentos se encerram em dous e vêm a saber—miseria dos homens, corrupção do mundo.

### RATO CANTOR.

A *Imprensa Livre*, de Vienna, publica uma noticia que parece um pouco com um maranhão: O Sr. Carlos Theodoro Liebe, naturalista, achou um rato que canta. Este animalzinho (é perua de certo) executa graciosas variações, que se assemelham as da colovia, ruxinol ou canario. A extensão da sua voz é de duas oitavas.

O professor Liebe attribue este phenomeno á conformação particular dos orgãos respiratorios, porque a mesma respiração deste rato é um assobio continuo.

Ouve-se o verdadeiro canto deste animalzinho quando está tomado de qualquer commoção, ou de prazer quando lhe mostram um gato.

O Sr. Liebe vac examinar as causas do phenomeno, anatomisando este rato quando morrer; entretanto confessa que deverá esperar ainda algum tempo, porque o novo cantor, com quanto preso, está sempre alegre e de perfeita saude.

### ANNUNCIOS.

#### DOUS DE JULHO DE BROTAS

Na noite de 11 do corrente será a levada do carro triumphal ao largo do Paranhos, donde seguirá no dia 12 ao meio dia precedido do monitor *Alagoas* e acompanhado pelos batalhões patrioticos até os barracões que se acham decorosamente ornados.

Haverá illuminação ate o dia 18, em que o carro percorrerá as ruas ate as Pitangueiras e dahi seguirá a seu deposito.

Convida-se ao povo para este festim da liberdade.

No becco de Maria Pires, casa do Almeida, precisa-se de um copeiro.

Quem quizer comprar diferentes dramas, e comedias, algumas das quaes com muzicas, dirija-se ao sobrado n.º 20, 2.º andar, defronte da egreja da Sé, que achará com quem tratar.

Jozé Rebello Brandão pede a todas as pessoas que tem penhores em seu poder, para que venham resgatal os no prazo de trinta dias, findo os quaes os venderá para seu pagamento.—Bahia 8 de julho de 1868.

Quem precisar de uma ama de serviço de casa procure no sobrado n.º 18 á rua Direita do Colegio, 1.º andar.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

15 DE JULHO DE 1868.

N.º 385.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
14 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, chamando seriamente sua attenção afim de que lance suas vistas piedosas em favor dos moradores do Caminho Novo do Gravatá, ruas da Misericórdia, da Valla, da Lama, Barroquinha Marchantes, Portas da Ribeiras e outras, as quaes com estas chuvas estão intransitaveis: —uns submergidos em um atoleiro e outros com suas habitações plantadas sobre um dique. a ponto de não poderem sair de suas casas e menos entrar para ellas, privados assim de todos os recursos; e com quanto nos mencionados logares não morem vereadores, todavia nelles residem artistas e pessoas do povo, que pagam impostos com mais promptidão, talvez, do que esses que querem Deus para si e diabo para os outros; nesta contingencia, lembra-se a Illma. a medida de pôr em arrematação a quem por menos fizer, para os mencionados logares, barcas de passagem ou carros de transporte, providencia essa não so benefica, como lucrativa para a municipalidade e de summo interesse para o melcorio que mamar nessa teta pilhando semelhante arrematação.

—A empreza da limpeza da cidade, dizendo-lhe que a maior parte dos moradores da rua do Bangala estão atacados de febres, em

consequencia do lixo, que a correntesa das chuvas tem alli amontoado, e como nesta terra não ha quem se importe com a saude do povo, sirva-se ao menos de mandar um carroceiro, (entidade que, parece, desde que Judas teve sarampam nunca mais passou por esse logar) remover tal elemento de insalubridade; o que espera-se.

—Da-se que diabo de alhada!

—Ja vem com alguma trincapeta?

—Pois nao acabam de me dizer que o superintendente do matadouro mandou recrutar ao irmão do João Cabocolinho?

—Por essa ja eu esperava.

—Mas não me dirá que culpa tem elle do crime que o irmão praticou?

—E' uma familia de valentões.

—Ora *nonoroques!* pois até agora não viam isso?

E por que não o despediram? Por ventura é com o recrutamento que se corrigem faltas e punem-se delictos?

—E V. ainda ignorava que para cevar uma vingança, aleargar um fim, obrigar a qualquer acção menos decorosa, ou obter um voto, não ha arma como o recrutamento?

—Que é isso, rapaz? vem puxando de uma perna!

—Ora deixe-me; um maldicto buraco alli na rua do Tijollo, quasi que me parte a canella.

—Homem, V. não é o primeiro que se

queixa, já hontem vi uma mulher lastimando-se de uma torcidella no pé.

—Pois que quer, si a rua, além de estar toda frunchada, ha logares que basta pisar no lagedo para afundar, ameaçando submergir a creatura?

—Parece que aquillo foi amaçado a ovos e farinha do reino!

—V. está cassuando, porque não sente as dores que estou curtindo.

—Tenha paciencia, pegue-se com a cama-ja que é quem lhe pode valer.

—Que se importam estes moleques que o Galinheiro ande de collarinho em pé!

—Embirraram?

—Pois não; atropetaram o pobre pretinho na Estrada Nova para abaixar os entezados colarinhos, que foi um Deus nos acuda.

—Travessuras.

—E' assim que surgem as complicações internacionaes,

—Va lamber cinza, com as suas complicações.

—Devagar com a louça, o homem é cidadão inglez.

—Pois elle que não se dê a disfructe correndo atraz dos moleques, por chamarem-o malê.

—Safal trinta e uma garrafadas já contei eu!

—E que diabo de mixordia é esta?

—Provavelmente querem desembarcar algum roubo de assucar ou algodão, e como a patrulha anda por aqui, estão por este meio vendo se afugentam-na.

—Neste Caes Dourado dão-se cousas!

—E' ousadia requintada.

—E onde andarã a ronda do mar?

—Ora! hoje é domingo, houve Dous de Julho em Brotas, anda tudo desnordeado.

—E sem ser hoje, creio que isto sempre anda assim.

—Que selvageria! Trucidar uma creança com tanta atrocidade!

—E o motivo!...

—Porque quebrou nove pratos.

—Barbaridade! alem de retalhar o corpo da miseranda, rachar-lhe a cabeça!

—De quem é escrava aquella infeliz?

—De um Sr. Pinto, portuguez, dizem.

—Que gente sem coração!

—Será bom que o Sr. delegado mande a rua da Larangeira, n.º 21, ventilar isso.

—Os gatunos andam a toda isca!

—Encontram complacencia na policia, ainda melhor.

—Nicolau de tal é um pobre marceneiro, com tenda na loja n.º 48, Atraz da Sé. Adoecendo, fechou sua porta e foi se tratar no hospital. Os larapios entenderam que o homem tinha dinheiro, arrombaram-lhe a casa e vasculharam canto por canto e como so encontrassem ferrameatas de pouco valor, deixaram tudo escancarado e empinaram-se.

—Pois esses demonios não viram que quem tem dinheiro não vae para o hospital de caridade?

—E anda se assim a mercê dos ratoneiros, que com a maior facilidade arrombam uma porta na rua mais publica e transitada e fazem das suas.

## Á PEDIDO.

—V. assistiu a posse da nova mesa da ordem do Santo Seraphico?

—Assisti e vi com effeito o frade *sentado* abrir o Santo Evangello no collo, e prestarem juramento os terceiros de joelhos nos pés delle!!...

—Deus esclareça o entendimento desses homens, para comprehenderem que adoração so é devida a Deus, que so a Elle o homem deve curvar o seu joelho, e não a um frade tão peccador, como os outros. Vi porrem as senhoras, chamarem-se umas trinta e so tres compareceram.

—E' que se comprenetaram dô seu estado, que não deviam concorrer para uma farça ridicula, que se representa em nome da religião. A ellas pois dou parabens, em quanto as tres, como são senhoras, digo-lhes unicamente que pensem no que fizeram, e que se hão de arrepender.

—Sim, mas mulher não pensa.

—Si são casadas, ao menos seus maridos, que lhes abram os olhos, iste é, si não forem dos que beijam a manga do frade e lhe seguram no cordão; porque estes estão promptos para tudo, bem entendido para poderem ir para o ceu. Mas fica a cargo do capitão do *Alabama* acabar as immoralidades do frade da ordem, perpetuo dominador dos tolos, governador absoluto dos terceiros e protector decidido das irmans terceiras.

—Ah, assim seja; que V. fará um serviço a Deus e a humanidade.

—O' Sr. Mathieus! *psio... psio... psio!*... Não ouve, homem!

—Sinhô, sinhô, ahibô tá xamandô. Voncuncê tá sustado, corendo qui préce negro nagô qui virô saruê!

—Não é commigo, não.

—E' com Vm. mesmo, Sr. Mathous: espere, dê-me uma palavra.

—Que pretende o Sr.?

—Homem, diga-me até quando Vm. ha de desfructar o ordenado, mettido em casa? Isto é um escandalo; já é demais.

—E o que tem o Sr. com isto? E' por ventura o fiscal e zelador dos cofres da provincia?

—Como está Vm. de costas quentes! nunca vi-o assim!

—Pois veja agora.

—Estou desconhecendo-o, Sr. Matheus! Pois Vm. ainda não está contente com mais de quatro mezes, que em santo ocio esteve mamando o ordenado de seu emprego sem ir ao internato?

—Que quer Vm.? não sabe que estou doente?

—Doente, Sr. Matheus! Vm. tem nenhuma doença; está são que nem um pero.

—Qual pero nem meio pero. Vá indagar na directoria, que Vm. verá nos documentos si estou ou não doente.

—Que tal o sujeito! está doente nos documentos e não no corpo! Sr. Matheus, não se faça rola: si sua molestia é incuravel, peça logo a sua reforma, e não ande affrontando ao publico.

—Não tenho satisfações a dar-lhe; manda quem pôde. Emfim, Sr., não me masse.

—Massada é esta sua de deixar-se ficar em casa: . . . .

—E eu não estou na rua?

—Arrumando com todo trabalho no pobre do substituto, que com Vm. ja foi cantado em verso para vespera de S. João.

—Sr. meu, não estou para atural-o. Deixe-me ir á missa, antes que fique virada: outro officio.

—Virada está toda essa ordem de cousas! Um homem são e forte, que todas as manhans era encontrado logo cêdo com o sacco de pães ás costas, indo e vindo dos internatos, onde prestava serviços! . . . este homem estar liceneado para andar cuidando em santos e irmandades! e em seu logar metter-se um outro que está servindo *constrangido* e até sendo atassalhado por um padre de lingua ferina, que foi visto em certa sachristia; antes de revestir-se para celebrar o santo sacrificio da missa, fazer-lhe de publico tam boas ausencias, que até de *amigo de Bacho* fez-lhe a festa, etc., etc., etc. . . . .

*O tempora, ó mores! ó tempo das pepineiras!*

Bem disse o chistoso—*Desenfado poetico:*

«Si não houvessem padrecos

«Sem lei, sem religião,

«Não estaria a mocidade

«Tão tam grande corruptão.

«Ha hoje monos  
«Que tem corôa,  
«Passam com a capa  
«Por gente boa.»

### PELO SIGNAL POLITICO,

OFFERECIDO AO AMIGO LELÉ GALISTA, LIBERAL DES-  
CONTENTE, HOJE PROGRESSISTA.

E' safado o vil *Lelé*,  
Bajulador intromettido,  
Por traidor é conhecido,  
*Pelo signal.*

Nunca vi peça egual,  
Mau pae e pessimo amigo,  
E sendo até inimigo  
*Da Santa Cruz:*

Belle nos livre Jesus,  
Com seu braço poderozo,  
De tal damnado cão gozo,  
*Livre-nos Deus.*

E' egual aos phariseus,  
No horrivel proceder,  
Capaz ate de vender  
*Nosso Senhor.*

Os homens que tem pudor  
Não lhe prestam attenção,  
Embora toda oppressão  
*Dos nossos.*

Votantes, poderes vossos,  
Não entregueis aos tratantes,  
Pois de vós são os pedantes  
*Inimigos.*

Segui sagrados artigos;  
Da lei e da liberdade,  
Despresando a falsidade  
*Em nome do pae.*

Em cilada ninguem cae  
Por conhecer o *bichinho*,  
Que implora um votinho  
*Do filho.*

Quem trilha o bom caminho,  
E' do Ceu abençoado,  
E na terra é vigiado  
*Do Spirito Santo.*

De *Lelé* o negro manto,  
Rasgue se hoje para o mundo,  
Fulmine-se o cão immundo,  
*Amen Jesus.*

### AO ILLM. SR. COMMANDANTE DO CORPO POLICIAL,

Participa-se que, dando-se um conflicto no  
Caes Dourado, na venda de Antonio José da  
Silva Braga, no domingo á noite, fôra preso  
um dos turbulentos do nome João Pinto de



Barcellos, pelo policial José Americo de Souza, que o acompanhou a prisão, e com o não conste que semelhante desordeiro fosse recolhido, pede-se à S. S. que se digno ouvir ao referido guarda para que explique semelhante barafunda.

Sr. Redactor.—A informação que deram a V. sobre uma mulher que falleceu na noite de 8, sem os ultimos Sacramentos, acha-se disvirtuada, e certo de que V. não se nega a rectificar a verdade, peço-lhe que publique que a propria pessoa que fora bater á porta da sacristia declara que, tendo batido por tres vezes e ninguem lhe respondendo, se retirara.

*O amigo da verdade.*

## VARIEDADES.

### REGRAS INFALLIVEIS.

Não ha ganhadeira de quartinhas, que não traga doce de araçá.

Não ha preta de alná que não venda furá.

Não ha tabareu que não tenha presumpção de montar bem a cavallo.

Não ha moleque de padre que não saiba ajudar missa.

Não ha sertanejo que não goste de feijoada.

Não ha loja de louça que não venda xá.

Não ha casamento de tabareu que não acabe em lundú.

Não ha gato de frade que não seja gordo.

Não ha cigano que não seja jogador.

Não ha cigana que não venda fazenda.

### HORAS DE RECREIO.

Occasião de contradança.

Passeio de braço traçado.

Jantar em dia de annos.

Sonhos de casamento.

Noites de novenas junto de casa.

Brinquedo das prendas.

Encontro de patricio em terra estranha.

### TRABALHOS DE HOMEM CASADO.

Procurar ama de leite.

Ouvir conselhos da sogra.

Satisfazer desejos da mulher.

Receber visitas de parabens.

Deixar de sahir a noite.

### GENEROS TONICOS E ESTOMACAES.

Pagamento prompto.

Herança de parente.

Passeio de sege.

Modinha brasileira.

Casamento rico.

Prezente de freira

## OS MENTIROsos.

Entrando um dia um homem, que tinha reputação de grande mentiroso, em uma sociedade, alguém, que conhecia, disse-lhe, antes do elle tor tempo de abrir a boca — Isso não é verdade.

— Mas, senhor, eu ainda não fallei.

— Não importa, vae fallar e não ha de ser verdade.

Assim é que se trata os mentirosos.

Um homem, conhecido por tal, contava um dia uma anecdota em casa de uma mulher celebre.

— Não acredito essa historia, diz ella.

— Certifico-lhe que é exacta, diz um dos assistentes, eu presenci-a.

— Pois sim, diz a senhora, olhando para o mentiroso; mas, si é verdade, porque a diz aquelle senhor?

A lição foi boa; emendou-se.

## UM PRINCIPE NA CADEIA.

O caso deu se em Londres. Hald Pachá, irmão do vice-rei do Egypto, acompanhava o sultão na sua visita a metropole ingleza o anno passado, sem character nem funcções pessoas junto a Sua Alteza.

Londres é caro, ás tentações muitas, a bolça do principe vinha ja soffriavelmente exhausta com os assaltos da exposição parisiense, de maneira que o joven pachá individou-se, e que seus credores deram com elle na cadeia sem perguntarem ao pachá de quantas caudas era o attribulado moço.

Foi solto logo sob fiança, porem elle em lugar de pagar, aventou uma questão de privilegio, que acabava de ser favoravelmente decidida, declarando os tribunaes que o privilegio, si fora diplomatico, se estende nas comitivas dos monarchas que viajam officialmente a todas as pessoas que os acompanham para dar maior solemnidade e pompa a sua presença, muito embora não levem funcções precisas na comitiva regia, porque nestes casos o privilegio não é delles mas do soberano.

E' um ponto de direito internacional que é bom ser esclarecido, alcançando tão poderosa autoridade como é um aresto dos liberrimos tribunaes inglezes: mas o motivo... o motivo foi mau pormais que digam os principaes não deviam ser caloteiros.

## ANNUNCIOS.

No becco de Maria Pires, casa do Almeida, deseja-se fallar ao Sr. Salustiano Petronilho de Campos Costa.

### QUEM ME AVISA, MEU AMIGO É

O carapina que morou na rua Direita do Santo Antonio além de Carmo, va quanto antes pagar o que abi ficou devendo; do contrario sorá seu nome publicado nesta folha, para que todos o fiquem conhecendo.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE JULHO DE 1868.

N.º 386.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
16 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, representando-lhe contra os embarços, que soffre o publico para desembarcar qualquer objecto ou material no caes d'Agua de Meninos, em virtude de se achar elle constantemente amontoadado de achas de lenha, quando uma postura prohibe atravancar as ruas por mais de 24 horas; isso por que dous monopolisadores entenderam de atravessar toda lenha que vem ao mercado e fazer dalli seu deposito, para venderem aos pretos, que por sua vez revendem-na aos taverneiros, vindo o povo a comprar-a por um preço exorbitante.

A' vista do exposto, pede-se a Illma. que ordene a seu fiscal geral, o qual todos os dias passa por alli e ainda não teve olhos para ver semelhante inconveniente, para que intime áquelles dous expertos que quanto antes removam dalli toda lenha que a sua desmarcada usura tem accumulado, facilitando assim o commodo publico.

—A empresa da limpeza publica, para que mande varrer as immedições e beiradas do theatro, bem como a frente dos assentos do largo do mesmo nome, principalmente do lado do mar, que se acha coalhado de pastelões de pé de muro.

—Capitão, uma lembrança.  
—Suas lembranças são perfeitos esquecimentos.

—Menos essa, capitão.

—Vamos a ouvir para ajuizar.

—Tive a lembrança de propor para vereador na proxima eleição, ao distincto bahiano Joaquim Antonio da Silva Carvalho.

—Sim, Sr.; sim Sr.; desta vez brilhou,

—Si o sufragio popular pode ser encarado como uma remuneração ao cidadão benemerito por seus serviços, a ninguém assiste mais direito do que ao Sr. Carvalho de receber do povo a distincção de occupar um lugar na vereação municipal.

—Apoiado.

—O Sr. Carvalho tem sido um verdadeiro protector e amigo dos voluntarios. Que o digam essas familias que gemem na viuvez e na orphandade; que o digam essas, que ausentes dos entes mais charos, soffrem o jugo de todas as privações; que digam esses innumeros mutilados que voltam do sul. Indague-se de cada um em particular o que tem sido o coronel Joaquim Antonio da Silva Carvalho para elles.

—Mas, de que valerá tudo isso si o dedo omnipotente do governo apontar os candidatos?

—Esperemos para ver, não vamos a descer de tudo.

—Meu amigo, diz-me que desordem é esta?

—E' um policial que anda fazendo o diabo.

—Muito bem! Que gente morigerada tem a nossa policia que são os primeiros a perturbarem a ordem.

—Chama-se José Lino Soares.

—Espere, José Lino Soares ja foi mandado despedir do corpo por seu procedimento, segundo li no *Diario*.

—Sem embargo disso, o consentem ainda andar fardado e armado, para elle faser destas.

Entendeu que devia hoje dar para espancar os meninos e arvorar-se em recrutador: prendeu a um rapaz na rua dos Capitães, o qual, safando-se-lhe das mãos, embarafustou por uma casa a dentro. O energumeno invadiu-a até o interior de refle em punho, ameaçando matar a quem encostasse!

—A's dez horas da noite!

—Fosse a que horas fosse.

—E viva-se descansado n'uma terra destas, onde os que são obrigados a vellarem pela ordem, são os primeiros a ameaçarem a vida do cidadão!

—E de mais a mais, elle, ainda depois de desarmado e preso, ameaça que logo que sahir tirará a vida ao dono da casa!

—A festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo este anno é feita com todo esplendor e pompa.

—Disseram-me que o Fausto, so de flores, encommendara seis carradas.

—Elle é bem capaz disso; gosto para essas cousas não lhe falta.

—Alem da parte religiosa feita com toda solemnidade e decencia, ha balões, fogo, chariz, illuminação, etc., etc..

—E extraordinaria concurrencia, como é de esperar..

—O Sr. Fortunato de Freitas, desgostos<sup>o</sup> da vida jornalística, acaba de abrir uma casa de educação, a qual, dotada como está dos melhores professores, situada em excellentes condições hygienicas e pelo esmero e dedicacão com que está montada, attinge ao grau de um perfeito estabelecimento de instrucção.

—Em que rua é?

—Na ladeira de S. Francisco n.º

—E' de crer que o publico bahiano, com especialidade as amigos do Sr. Freitas, lhe deem toda animação.

—Assim espero.

—Capitão, aqui está um motte e glosa de um tabareu vendedor de carvão.

—Será talvez algum homem que os paes o mandaram instruir; porem o acaso da sorte o jogou nesta vida.

—Não Sr.; é de um homem nascido e criado nas mattas e que nem ao menos sabe ler!

—Como V. obteve logo estas informações?

—E' porque vi um moço pedir-lhe que lizesse e glosasse um motte. Como eu gostei pedi que me dêsse o motte e glosa por escripto, elle me declarou ser filho das mattas e que não sabia escrever; mas que tornava a recital-o e eu escrevesse.

—Lêa para eu ouvir.

—Lá vae.

«Quando cuidares que estou

«Contente, alegre, perfeito,

«Os sinos te avisarão

«Que morri por lei respeito!»

GLOSA.

«Mulher, que o meu coração

«Com mil carinhos roubou,

«Hei de vingar-me de ti

«Quando cuidares que estou..

«Julgava que me amavas,

«E te trazia em meu peito;

«Vivendo assim enganado

«Contente, alegre, perfeito..

«Si algum dia tu quizeres

«Convencer-te da razão,

Cuidarás disso mui tarde,

«Os sinos te avisarão..

«E então arrempedida

«Do teu amor imperfecto,

Os remorsos te dirão,

«Que morri por teu respeito.»

—Muito bem! A natureza dotou-o de intelligencia; mas falta-lhe a lapidação, que se a tivesse, podia ser alguma cousa na sociedade.

—E como esta ha por ahi muitas intelligencias; mas sem o cultivo preciso.

—E' verdade! Ha uma mulher, que anda sempre pela Praça, conhecida por *Santinha*, que tem sua veia poetica! Outro dia estava eu na botica do Borges, na occasião em que passava certo frade, que ensina *phylosophia* ao *Miguel*, e ella quando o viu entendeu agradecer com elle, tomou-lhe a frente e recitou a seguinte quadra, munida de um cacete:

«Como p'ra guerra não marcho

«Segundo a minha vontade,

«Si não mato um paraguayo,

«Agora mato este frade.»

O frade, ao ouvir esta quadrinha, improvisada por uma mulher que sempre está embriagada, largou-se a correr pela rua Direita de Palacio a fora; porem como viu algumas pessoas rindo-se, parou e esperou por ella de chapau de sol empunhado; mas ella ao chegar defronte d'elle, fez-lhe uma carêta e voltou..

—Cá... cá... cá... cá!

Logo vi que V. não podia passar sem trazer um caso pilherico no meio. Tem muito espirito aquella mulher!

—Tambem, quando está *spiritualisada*, é um excellente dicionario de obscenidades.

## PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

### I.

#### A mulher nos primeiros mezes do casamento.

ou

#### A lua de mel.

Principia por levantar-se da cama muitissimo tarde; ninguem é capaz de arrancal-a della. (Bem entendido que o marido tambem não está levantado!)

Si o marido é empregado publico, e quer levantar-se, diz-lhe:

—Ora meu queridinho, agora você chegará muito tarde á repartição; ja passou a hora do ponto; o melhor de tudo é lá não ir hoje; um dia não são dias.

Si é negociante, diz-lhe:

—Lá estão os caixeiros, não precisam de você para abrir a loja. . . . Demais d'isso pela manhan pouco ou nada se vende; irás mais tarde.

Si é procurador, advogado &c., que tenha de sahir cedo para encontrar-se com alguém, diz-lhe:

—Va de tarde, e vem a dar tudo no mesmo; diga-lhe que amanheceu encommoado, e que não pode sahir; ora é boa! maldito officio é este seu! pois é preciso que se esfalfe em andar? . . .

Si o marido vive dos rendimentos de seus bens, nada lhe diz; porem quando elle pergunta que horas são, contenta-se em abraçal-o, respondendo-lhe:

—E que temos nós com as horas? Quem nos apressa? Não estamos bem aqui? . . .

E augmenta estas razões com as mais ternas caricias.

O marido, bem se sabe que é de cera; facilmente se convence; acha que sua mulher é dotada de uma eloquencia bastante persuasiva, e felicita-se de ter esposado uma Demosthenes! Em fim felicita-se de um poder de cousas.

Mas como o amor não basta para sustentar a nossa debil machina, e pelo contrario os prazeres de Cithora cavam consideravelmente o estomago, em breve o marido confessa que tem fome, e pretende levantar-se; porem sua mulher responde-lhe, enlaçando-o com os braços:

—O almoço deve estar prompto; porem para que havemos de nos levantar? Almoçamos na cama, será o melhor de tudo.

O marido á nada se pode oppor, porque suas palavras são suffocadas pelos beijos que lhe dá sua mulher.

Almoço pois na cama.

Ora, isso pode ser muito linda cousa, porem na verdade não é muito commodo; com tudo não importa, o amor tudo acha encantador!

Depois do almoço ainda se não levantam; ha um sem numero de cousas, que melhor se communicam deitados, do que levantados.

O almoço renova as forças do marido que sustenta a conversação de certa maneira *verdadeiramente admiravel*.

Finalmente levantam-se ao meio dia.

Vestem-se, praticando um sem numero de peçazinhas engraçadas, escondendo-se, fugindo, e dando beijos infinitos, e prolongados.

Chega a hora do jantar, sem terem feito mais do que rir, brincar, e correr um atraz do outro.

O marido admira-se de ja ser tão tarde, e de haver o dia decorrido tão rapidamente.

A mulher tem os olhos languidos -- o que significa pouco mais ou menos a mesma cousa.

A mulher não cessa de olhar para quem tantos prazeres lhes causa.

Si o marido lhe pega na cintura, ou aperta-lhe as mãos, ou lhe comprime os joelhos, á tudo lhe responde a mulher com um sem numero de eguaes caricias, provocando-o á que continue com as mesmas gracinhas.

Ao jantar, o marido senta a esposa sobre os joelhos, bebem pelo mesmo copo, e comem no mesmo prato.

O saboroso carurú pareceria horrivel á mulher, si seu marido não houvesse provado tambem d'elle.

Oh! a mulher julgaria que, si seu marido um dia deixasse de fazer tudo isto, de praticar todas essas loucuras amorosas, não lhe seria possivel existir!

A' noite, se os noivos se decidem á ir ao theatro, nunca estão ate ao fim; e se vão a algum *soirée*, sempre é ella a mais apressada em voltar para casa! acena de longe ao marido; este debalde ou lhe faz comprehender que a civilidade pede que ainda se não retirem, ou lhe faz ver que está obrigado a acabar um recambô de voltarete; é força ceder; e eis-os á caminho para casa.

E si vão em sege, é raro chegarem á casa, sem que tenham enectado primeiro uma conversação. . . . .

Si compra um vestido, quer que o marido decida de que côr deve ser, e até de que molde ella o deve cortar!

Oh! si assim fosse sempre. . . . . como seria encantador!

Mas...

(Continúa)

## Á PEDIDO.

Pergunta-se ao muito digno Sr. Subdelegado dos Mares, quando quererá propor inspectores para os quarteirões vagos do seu districto, os quaes se acham acephalos á tanto tempo, havendo quem ja taxe de premeditado capricho de S. S. tamanha delonga?

—Com que entendeu V., Sr. *Supre* o anno de cobrar da filha os favores que fez a mãe?

—Sustentei-a longo tempo n'uma cama.

—Mas a mulher não era de sua amisade?

—O que está velho deita-se fora; estava inutil e era preciso ver quem me desse a desforra do sacrificio que fazia.

—E para isso escolheu a pobre menina?

—Tubarão, quando não tem o que comer, come a seus filhos.

—V., é antes um abutre que se trepa nas *pe dreiras* a betar as rolinhas, que atravessam.

—Porem eu fui pouco exigente, andei sempre por fora.

—Si por fora V. fez tanta cousa, o que faria si se *mettesse dentro* de casa. Quanto mais que isso é historia, pois eu sei que V. tinha toda franqueza na casa e por isso é que exigiu que a moça lhe pagasse.

Ora V. um logista de fazendas no *comercio*.....

—Na *praça*, tenho muito credito.

—...commettendo tal baixeza, é infamia requintada.

—Ninguem mette prego sem estopa.

—E agora acabou a sua inculcada beneficencia, não?

—Ando vendo outros ares, outros climas.

—Eu quero lhe dar um companheiro, que é o muxingueiro.

—Dispenso a companhia.

—Segure a sua luneta, porque elle vae de xento em pópa sobre V.

(Continúa.)

## VARIEDADES.

### JOGADOR CONSCIENCIOSO.

Em um dos primeiros dias d'esto mez foi preso em Paris um selleiro chamado Lidoir, por ser encontrado no mercado publico, ás duas horas da madrugada, de bengala na mão, mas sem trazer a parte do vestuario que as senhoras de boa educação não podem nomear, tiritando com frio e mostrando até certo ponto não ter tido intenção de offender a decencia.

A decencia impunha a Lidoir a obrigação de trazer umas calças vestidas, mas a honra forçou-o a despil-as, e por este facto teve de responder em policia correccional á accusação de ultraje publico ao pudor.

Interrogado o accusado pelo presidente, explicou o caso de uma maneira engraçada.

Lidoir—Sr. juiz, toda a gente sabe que ninguém anda por gosto a passear de noute pelas ruas sem calças; quem o faz ou perdeu o juizo, ou tem motivos imperiosos para o fazer, e foi isso o que me aconteceu. Encontrei-me com Renard official do mesmo officio, que trabalhava comigo na mesma officina e a quem não via havia muito tempo. Fomos comer a uma casa de pasto, e beber uma pinga; bebemos primeira, segunda e terceira garrafa; um copo é bastante para me fazer andar a cabeça a roda, Depois de jantar, Renard propoz que jogassemos apostando o café, perdi; jogamos apostando o licôr, perdi tambem; apostamos depois genebra, charutos...

Presidente—Não preciso saber o que apostou.

Lidoir—E' para chegar á historia das calças: Eu perdia sempre, e por isso disse a Renard. «Não jogo mais, vou deitar-me.» —«Aposto as calças,» respondeu o meu companheiro; e tanto instou comigo que eu accedi, declarando que se ganhasse o meu parceiro havia de ir para casa a fresca; perdi: paguei religiosamente o que devia. Tudo isto foi uma chalaça, porque estavam ambos muito embriagados. Peço a indulgencia do tribunal, attendendo a grande constipação que apaubei, e a poder-me ter levado a breca.

O tribunal, tendo attenção ao bom comportamento do accusado, e a não se provar a intenção de commetter um ultraje ao pudor, absolveu este modelo dos devedores do dividas de jogo.

Tratando-se do casamento de certo rapaz, diz um dos assistentes:

—Eis ahí mais um que vae atir uma pedra ao pescoço.

—Oh! senhor! é pouco delicado o que dizis, acudiu uma senhora.

—Perdão, minha senhora, ha pedra e pedra; neste momento trato de pedra preciosa.

## ANNUNCIOS.

### IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Por deliberação do conselho, em sessão de 15 de julho, convido a todos os senhores socios á reunirem-se, no domingo 19 do corrente, em assembléa geral, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 16 de julho de 1868.  
—Aristides Ricardo, 1.º secretario.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

21 DE JULHO DE 1868.

N.º 387.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
20 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção para o seguinte:

Existia nesta cidade uma mulher de nome Maria Luiza da Paixão, a qual morava na casa n.º 13 á ladeira da Palma. Em principios deste anno, ou fins do passado, deliberou ella ir negociar pelo centro, em companhia de um africano a quem tomou por guia e seguiu pela Feirade Santa Anna acima, munida de miudezas, fazendas, trastes de ouro e outros objectos.

Essa mulher desapareceu mysteriosamente e corre agora que fôra assassinada e enterada no pasto e que o africano sumira-se com o que era della.

Para acclarar semelhante negocio, sirva-se S. S. de mandar ir á sua presença o africano de nação gège Manuel, habitante da referida casa n.º 13, á ladeira da Palma, e *malungo* do conductor da assassinada, o qual está ao facto de todo esse tenebroso trama, como tem revelado a algumas pessoas.

—Todas as noites quando passo por aqui doe-me até o coração o ver esta pobre mulher dormindo na soleira desta casa, exposta a chuva e ao vento!

—Parece que a coitadinha tem devoção de

vir todas as noites para este lugar; de dia desaparece.

—Eu ja quiz deixar de passar aqui pelo becco dos Perdões para não vel a.

—E tanta farofia que tem se feito á respeito de casa de asylo para a pobreza.

—Asylado anda o dinheiro no bolso de meia duzia de sujeitos que eu sei cá.

—Os conservadores não cabem em si de contentes! Andam inchados que parecem uns bois.

—E andavam todos os dias aqui a apregoar que não queriam o poder!

—Mas não eu que os acreditasse; sempre lembrava-me da fabula da raposa com as uvas.

—Hontem muitos deitaram illuminação com a noticia da ascenção do partido conservador.

—Que bobage!

—E para presidente da Bahia, ja nomeiam alguns dez individuos.

—Depois que se frigir os ovos é que eu hei de ver a qualidade da manteiga.

—As casas de mocotó que tinham desaparecido da freguezia da Sé, estão de novo em vigor e vão produzindo seus effeitos.

—No sabbado á noite accordei sobresaltado com uma formidavel tribusana em uma destas casas que ha na minha visinhança.

—E hontem n'uma destas bibocas Atraz da Sé as creoulas Eva e Agostinha entretiveram, em pleno dia, um tiroteio de garrafadas ac-

companhadas de um montão de obscenidades e doestos injuriosos.

—A policia bem as vê; si entendesse que havia inconveniencia nellas, já as tinha chamado á ordem.

—Como se provoca!

—O quo é?

—Pois não ouviu? O mestre dos barbeiros da Chapada basofiaando que está preparado para dar e tomar?

—Isso é porque a musica de artilharia está presente.

—Em outro lugar, onde a policia soubesse cumprir seu dever, elle seria immediatamente revistado, porque acabou de alardear que estava armado.

—Si hão de tocar pacificamente na procissão de Nossa Senhora do Carmo, para que vieram, estão fomentando conflictos.

—Si, elles andam com as manguinhas soltas. Fiam-se na fama da senhora ser rica,

—O theatro fica nú e o Amat sabe vestido.

—O que quer dizer na sua?

—Que o Sr. Azambuja entendeu que devia fazer doação ao feliz empresario de tudo quanto era do theatro: deu-lhe guarda roupa, vistas, mobilia etc.

—Isso não é mais protecção, é escandalo.

—Avisinhando-se de malvadez.

Si vier uma companhia e quizer representar não pode; porque as vistas vão para Pernambuco e fica o publico assim privado de distrahir-se.

—Cada vez me convenço mais de que os rabos de saia tem poder para muita cousa!

—Então saiba de mais.

—Para que o Amat podesse receber a subvenção, o presidente mandou incluir no numero de recitas que elle tinha obrigação de dar, os beneficios dos cantores e o expetaculo em favor das viúvas dos voluntarios afim de completar as 25 representações.

—Isso é transpor todos os limites da decencia.

—O mais cynico esbanjamento.

—Por isso José Amat tem toda razão de cassuar com este povo abasbacado: peças mutiladas, companhia pessima e vengam a plata que somos mortales.

—Os marinheiros da fragata ingleza andam fazendo o diabo.

—Com essa gente toda contemplação: eu ainda me lembro de um chefe de policia que recommendou a certo cidadão, cuja casa tinha sido invadida por marinheiros america-

nos, que desse queixa moderada, e o resultado foi ir elle para a Correção por não querer se submeter a isso.

—Hontem 19 accommodaram até ao Sr. Dr. chefe de policia: no Caes Dourados houve moscas por cordas e mosquitos por arame; sahia uma força consideravel do quartel de policia para accomodal-os, mas creio que chegou um pouco tarde porque, já tinham sedado facadas e cabeças quebradas.

—Por causa de uma gallinha ia se dando morte!

—Quando foi isso?

—Hontem no Castro Neves.

—Que loucura!

—Uma gallinha de Liberato José Vieira dos Santos, morador á rua do Socorro, foi beliscar os pepinos de Henriques de tal, ourives, em seu quintal: este matou a gallinha; Liberato doeu-se; as cousas azedaram-se ao ponto de Henriques sair com uma bayoneta enfiada n'um pau e querer arpoar seu contendor.

—Ha gente que paga para brigar!

—Assim mesmo fez-lhe dois ferimentos.

—E o resultado?

—Depois de accommodado foi para casa muito fresco.

—Está direito! Esta terra vae ás mil maravilhas!

—Foi ao espectaculo na sexta-feira e n<sup>o</sup> sabbado?

—Fui.

—Dizem que patearam a Casa-Nova?

—Deixe-me, meu amigo aquillo esteve um inferno.

—Conte-me o que houve.

—Deram, na sexta-feira, um bilhete de platéa ao *Passarinho* e a mais um sujeito velho que encontraram em companhia d'elle, para patearem a Casa-Nova. Ao chegar ella em scena o *Passarinho* bradou: « *Parda lavada, viva a parda lavada, sempre lavada e viva o cagacebinho tambem.* »

Estas palavras do *Passarinho*, em estado de embriaguez, causaram nojo á quem foi alli assistir o *Trovador*; mas provocaram o riso e gargalhada áquelles apologistas das pateadas no theatro e aos mandatarios, por que achavam graça no que dizia um *chanfornada* mandado para alli por elles.

Admira-se porem que estivessem envolvidos n'isso certos moços, dando assim má ideia da educação que receberam de seus paes.

—E V. sabe os nomes desses moços authores da pateada?

—De alguns.

—Então diga-me para ver se os conheço.

—Ouçã.

—Sou todo ouvido.

—Koeli, Moura, o Lobo francez, sobrinho do Lacerda, Aguiar, Villarinho, Morissoca, Godinho, Barros, o filho de um judeu, o qual vive quasi sempre em orgia etc., etc.

O *Passarinho*, felizmente, no terceiro acto não appareceu mais; não porque a policia lançasse mão de meios para retiral-o da platéa por estar perturbando a ordem publica; mas porque o Sr. França Guerra conseguiu arredal-o dalli.

O *Passarinho* chegou a patear até o tenor e ouviu-se na occasião um moço, que a modestia faz-me não declarar o seu nome, fazer-lhe signal para que não o pateasse e só sim a Casa-Nova.

Ainda isso não é admiração!

Admiração é de uma moça que estava em uma das frizas á esquerda, e uma moça de familia, insinuando á uns moços que occupavam a frisa visinha em que estava ella, para continuarem na pateada; admiração é do *Lobo francez* que não foi ao batalhão dos caixeiros, por que nelle foram muitos negros, estar no theatro fazendo o papel que o mais infame moleque era incapaz de o fazer!

Ao sahirem estes moços do theatro foram cantando:

« *Ocú baba* »

« *Ocú jaré,* »

« *A Casa-Nova* »

« *Virou chebé.* »

—Isto depõe muito de nossa civilização perante o estrangeiro.

—No sabbado a cousa esteve peor, a ponto da Sra. Casa-Nova chegar a chorar e soluçar em scena, porque jogaram dinheiro de cobre e um boquet com uma vela de carnaúba dentro.

E por que se hade assim injuriar á uma fraca senhorã?

Si é uma cantora má, que maior desprezo do que levantarem-se os que não gostarem, deitarem o seu chapéu na cabeça e retirarem-se?

—Eu não digo que não deem pateada; mas em quem se deve dar?

No empresario que recebe a subvenção da provincia e traz uma cantora pessima, que se não pode ouvir, e não na mulher que procura um meio honesto de vida; no empresario que, além do que obtido tudo o que quiz do Sr. Azambuja, obte e mais d'elle o consento de levar para Pernambuco as vistas e vestiario pertencentes ao nosso theatro, deixando somente ahi o edificio, porque não o pode levar, se não teria licença da presidencia para o fazer.

Ahi está, quem no caso de patear-se, deve ser pateado, e não a artista que procura a vida honradamente,

—E que culpa tem ella si lhe procuraram para ganhar dinheiro? Nenhuma.

Contaram-me mais que a Sra. Casa-Nova, quando sahio do theatro com seu marido para o hotel em que se acham hospedados, o tal Barros e o filho do judeu acompanharam-a para patearem; mas o marido quando entrou no hotel e que os sugeitos entraram a traz, elle ja os conhecendo, esmurrou-os, aproveitando a Sra. Casa-Nova o ensejo, deu com a mão na cara do tal Barros.

—Lá isso não garante a exactidão.

—Mas á ser exacto, era o que elles queriam, apanhar da mão de um estrangeiro!

E o que fez á policia vendo tudo isso.

—Olhou, como sempre, impassivel!

—E viva a patria e morram os patifes! Policia so na Bahia!

## Á PEDIDO.

—Le-se no *Sentinella Invisível*:

«Protestamos desde ja contra qualquer violencia praticada na pessoa do nosso amigo, Dr João Luiz Soares Martins, visto como os seus inimigos fgedaes, nos escuros subterraneos, PREPARAM novos artificios afim de extinguir-lhe a existencia.»

—Em nome da moralidade publica e da segurança individual, conjuramos e pedimos ao Sr. Dr. chefe de policia para que chamando á sua presenca o redactor do *Sentinella* o interrogue sobre quem são os que premeditam contra a vida do Dr. Soares Martins.

Não vivemos n'um paiz de feras; e portanto não deve a vida do cidadão estar a mercê do rancor de seus inimigos, que por qualquer motivo entendam que deve entregar-lhe a existencia ao punhal do assassino.

O *Sentinella* que afirma é porque sabe, e S. S. como magistrado fiel ao cumprimento de seus deveres tem restricta obrigação de tomar providencias afim de prevenir o mal, que será depois obrigado a punir.

Isto espera-se.

Chama-se attenção do muito digno Sr. Dr. chefe de policia para um covil á Estrada Nova, fundos da rua dos Capitães, onde se reunie a peor classe de gente e onde os escravos, esquecendo a obrigação de seus senhores, vão entregar-se ao vicio do jogo.

Nessa spelunca de que é dono um creoullo, de nome Pedro, ha a toda hora desordem e a noite o socego publico é despertado pelas algazarras e gritos indecorosos.



S. S., acabando com semelhante quilombo, não só faz um serviço á moralidade publica, como previne um delicto que a cada hora pode alli dar-se, resultado das continuadas alterações e turbulencias que reinam em semelhante fuma.

—Muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vae ao Caes do Ouro e traze a minha presença aquelle gallego que ainda não ha um mez, esteve a bordo deste navio ajustando contas ácerca da prisão do Cheu, pois que não se tendo emendado de suas costumadas tratantadas, illudindo seus honrados amos e compromettendo os pobres guardas aduaneiros, etc., etc., continua agora na mamadeira de contractar homens livres, para os diversos trabalhos da casa, á 2\$000; dando conta no escriptorio como contractados á 3\$000, conforme é de costume a casa pagar os contractados escravos.

—Vou já e já.

.....  
Prompto, capitão, aqui apresento o melro.

—Oh! Garçaia, pois ainda tem animo de se me apresentar?

—Não, capitão, fui obrigado a isso pelo muxingueiro que aqui me trouxe a forca.

—Ora me explique la essa pepineira, em que a boa-fé de seus amos é illudida. Como é que V. contracta os escravos a 3\$000 rs. e os livres a 2\$000 rs., dando comtudo a conta de 3\$000 rs., usurpando assim de cada homem 1\$000 rs.?

—Ah! capitão.

—Não é nada; é uma melgueira que lhe escorrega todos os dias para o bolso de seis a oito bodes.

—Pelo amor de Deus, capitão, não me deite a perder, pois si os amos souberem disto, põem-me no andar da rua, embora eu falle a lingua dos biffes.

—Ah! fiado nisto é que costuma fazer das suas? pois olhe, a primeira vez que me constar que continua nessas tranquibernias, mandarei o muxingueiro esfregar-lhe o costado, e trancafiar-o no porão debaixo de ferros a ver se toma geito.

## VARIÉDADES.

### UM BOM LOGRO.

Dous individuos apresentaram-se na policia de Marylebone pedindo um conselho ao chefe.

Elles tinham-se apeado na vespera, em Paddington, em uma estalagem e enquanto sentados junto a lareira aquetavam fogo, um americano entrou na sala e pediu uma ceia.

Os dous inglezes deram logar, além de que o yankee podosse tambem se aquentar. Em breve a conversação entabolou-se entre os tres viajantes.

Ainda bom o estrangeiro não tinha acabado de declarar a sua nacionalidade, ja os dous inglezes rogavam que lhes pregasse uma boa peça de yankee —uma yankee tric—como lá dizem.

O americano escezou-se com toda a modestia.

No entanto os inglezes que queriam rir a custa do recém-chegado, supplicaram-lhe com instancia que desse uma prova de genio inventivo de um yankee, apostando cinco libras esterlinas, que de seu lado, no dia seguinte de manhã, lhe haviam pregar tambem um bom logro á ingleza.

—N'este caso; exclama o americano instigado, acceito.

Após innumeraveis libações, foram os nossos homens deitar-se em uma das salas da hospedaria.

Pela madrugada levanta-se o yankee mui sorrateiramente, apodera-se da roupa, das bolsas e dos relógios, etc., sem que para isso tivesse nenhum direito de propriedade, e se afasta rapidamente desses logares.

Nunca mais os inglezes pozeram a vista em cima do que lhes pertencia, e assim se explica o motivo de virem pedir um conselho á policia do Marylebone.

O que havia de fazer? O magistrado diz aos inglezes que procurem o yankee e o conduzam a sua presença, promettendo lhes castigalo com toda a severidade da lei.

—Demais senhores, accressenta elle, de que se queixam? Não foram os proprios a insistir em um logro de yankee? Parece-me que devem estar satisfeitos!

## FIDES, SPES. CARITAS.

Appresentando-se certo examinador de latim na sala para fazer acto, um dos lentes, que o reconhecia, e a quem aquelle, durante o anno lectivo, dera provas de pouca força nas mollas intellectuaes, disse para o jury:

«Este senhor bastará, que nos traduzza aquelles letreiros» e apontou para os quadros que haviam na parede da sala, representando tres figuras a meio corpo allegoricas: fé, esperanza e caridade.

Depois de uma pequena pausa o novel Minerva começou assim a sua traducção — *scilicet pictor o pintor fides fez caritas aquellas carinhas spes sem pes!*»

Escusado é dizer, que tres grandes raposas justicaram, como deviam, este assassino litterario.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 4.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE JULHO DE 1868.

N.º 388.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
22 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, reclamando a confecção de uma postura, que prohiba aos habitantes desta cidade o despejarem lixo nas ruas, sendo todos obrigados a deposital-o em cestos ou caixões, de sorte que, quando os carroceiros passem, os vão apañando, afim de evitar que, nos dias em que não haja varredor em uma rua, não fique ella reduzida a verdadeiro estado de montureira.

Espera-se que a Illma. acolherá semelhante reclamação em vista da utilidade que della resulta.

—Ao Illmo. Sr. inspector da illuminação publica, solicitando providencias que façam com que o accendedor dos Mares seja mais zeloso no cumprimento de suas obrigações, não so sendo pontual nas horas de accender e apagar os lampeões, como limpando os enfumacados vidros dos mesmos que se acham denegridos. Espera-se que S. S. attenda a tão diminuta reclamação e dê as providencias sollicitadas.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que va ao sobrado n.º 16, ladeira do Aljube, a dobrar para Atraz da Se, e admoeste o morador para que cohiba seus famulos e filhos de estarem a toda hora

dando banhos *curinatorios* nos pobres transeuntes. Cumpra.

—Os Srs. typographos commetteram uma falta gravissima no numero passado.

—Qual foi?

—No officio dirigido ao Sr. Dr. chefe de policia alteraram o n.º da casa em que morou Maria Luiza da Paixão, que é 16 e não 13.

—E logo em dous logares!

—Communique-se portanto esta falta, afim de que não hajam enganoses.

—Deixe estar que si a policia quizer, não é isso que lhe servirá de embaraço.

—Não ha gente na policia, dizem.

—E de facto.

—Mas eu vejo todos os dias cinco a seis policiaes encarapitados no palanque do Terreiro de pernas crusadas.

—Estão guardando a coroa imperial, talvez.

—Bem bello! De maneira que em quanto o Sr. Carrascosa entender, vae a provincia pagando a seis homens para guardar o seu canudo e madeiras!

—Alem do mais que se soffre, ainda um homem arriseado a ser pisado por uma caterva de meninos vadios, que vão todas as manhans lavar cavallos e descem pela ladeira da Gameleira como desesperados a espancar os cavallos!

—E os fiscaes porque não cumprem a postura que prohibe andar animaes soltos pelas ruas?

—E a policia porque não dá destino a aquella malta de radios ja que seus paes não tem educação para dar-lhes?

—Ora eu pergunto uma cousa e V. sahe-se com outra!

## PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

PELO DR. \* \* \*

(Continuação do n.º 383.)

II.

### A mulher depois dos primeiros mezes do casamento.

cu

#### A lua de fel.

A senhora que tanto gostava de ficar na cama até bem tarde, é a primeira que cuida em levantar-se mais cedo; passa a esquecer-se ás mesmas horas em que se levantava antes de ser casada; e acaba por esquecer-se mais cedo do que quando era solteira; emfim madrega ja a pé.

Agora é o marido quem procura retel-a na cama, enlaçando-a entre seus braços, e repetindo quantas caricias sabe fazer; porém a nossa mulher se liberta d'elle dizendo:

—E' preciso dar ordens ao almoço; antes de levantar-me, os criados nada fazem; Você bem sabe que uma dona de casa deve dar o exemplo aos criados de se levantar cedo; do contrario deixam-se ficar tambem deitados, etc., etc.

Ou então:

—E a sua repartição?... Nada, nada; não quero, que Você vá tarde, depois do ponto e que informem mal de Você ao chefe; e que para o futuro semelhantes faltas lhe prejudiquem! E si for demittido?... Nada, meu amigo, não quero que Você depois queixe-se de mim!

Ou por outra:

—Você mesmo não diz, que os caxeiros não fazem nada antes de Você chegar?... Que o comerciante deve ser madrugador?... Não quero que por minha causa Você deixe de ir cedo—vou mandar dar preça ao almoço.

Ou então:

—Deixe-me!... Olhe que são horas de levantar-se!... Não se lembra que me disse, que hoje tinha um negocio importante á tractar muito cedo? Pois já são 6 horas, e vou levantar-me para lhe apromptar a roupa.

—Porém, diz o marido, o meu negocio é para as 8 horas, e ainda temos tempo de almoçar. Si Você quizesse, podia-se mandar trazer o almoço aqui na cama... não é muita demora...

—Ora, ora, ora... deixe-se disto! Almoçar na cama!... não ha cousa mais incommoda!... entorna-se o café, perde-se a colher, não se acham as fatias!... E de mais, não é bonito chamar a criada aqui no quarto, Você deitado ainda; nem parece bem, que ella veja estas tolices!

Nada, não ha cousa melhor do que comer á vontade n'uma mesa!

O marido que se recorda do tempo passado, em que ella se prestava á todas essas cousas á que chama tolices, e até mesmo era a primeira a promovel-as; diz-lhe:

—Porem Você n'outro tempo gostava de almoçar na cama comigo... Nunca disse que era mau...

A resposta da mulher é saltar da cama abaixo, respondendo-lhe com azedume—Ah! ja Você quer brigar?—Veste-se, e n'um fechar d'olhos já a ouve o marido ralhando com os criados, que então pagam o pezar, que lhe causou o marido com taes recordações!...

O marido não tem remedio senão levantar-se, vestir-se, almoçar, e sahir: isto tudo muito caladinho, porque bem a conhece, e vê que a menor palavra produziria o effeito de uma centelha n'um barril de polvora.

E quando o marido volta para casa, se dá a mulher se aproxima rindo, brincando, e gracejando como durante os primeiros dias do seu casamento, a nossa mulher casada lhe responde amuada:

—Deixe-me socegada!... Já Você começa!... Estou muito occupada com esta costura, não tenho tempo de brincar!... Olhe, se me quer bem, deixe-me socegada!

E si o marido agarra-o pela cintura, ou lhe aperta as mãos, e os joelhos, ou si a quer sentar ao collo na occasião de jantar, ou a convida a comer no mesmo prato, ou insta á que prove do que elle come, ou quer lhe dar algum bocado, responde-lhe a mulher bruscamente:

—Acaba, ou não com essas tolices!... não vê os criados!... é muito bom exemplo de immoralidade que V. lhes dá!—oh! é muito bonito!...

Ou então:

—Nunca vi meu pae fazer estas asneiras adiante dos criados!... aquillo é que é homem!... como aquelle ha bem poucos!...

Chega o caremano com o panacum de fazendas, vae a mulher escolher um ou dois vestidos. Si o marido prefere o verde, ella compra o amarello; não acha graça alguma na cor verde.

Si faz um vestido, e o marido lhe pede que faça de mangas cumpridas...ou curtas...ou de babadós, que elle gosta muito &...

Misericórdia!—responde-lhe logo enraivecida:  
—Ora está!... Os homens não se devem metter no vestir das senhoras!... V. não entende de usos!... Hei de fazer como se está usando; pois não devo andar carrança, so para andar á seu gosto!...

Pois si o marido tem a infelicidade de se intrometter nas anaguas, nas gomas, e escadinhas de Jacob!... —Deus o acuda!

Si o marido é prudente, ou está de maré, vira de bordo, vae ler o *Alabama*, e decifrar charadas.

Porem se não é paxorrento, ou está de candeias viradas, eil-os pegados!... dize tu, direi eu... desenterram-se os mortos, enteram-se os vivos... vem á leilão ate os bisavós e tudo isto, por causa das gomas das anaguas da mulher!...

Si vão á algum *sairée* á noite, a mulher so se serve do marido para la chegar; porque depois que chega, eil-a agradavel para todos excepto para seu marido, á quem ella appella seu mau anjo, se o vê aproximar-se!

Si dança, nunca será com elle, está sabido que é mau genero; alem de que, diz ella não é proprio da *civilisação*, nem do *bom tom* uma mulher dançar com seu marido!...

Diverte-se pois como pode, sem nem mesmo lembrar-se do marido, nem de que é casada!

Si o marido aproxima-se depois das duas horas da noite, e com voz meiga lhe diz—Minha querida, então não são horas de nos retirar-mos?

Responde-lhe:

—Oh! ja!... tão cedo?

—São mais de 2 horas!

—Ainda tenho duas contradanças prometidas: uma ao Dr. F., e a outra ao Sr. capitão E,—logo que acabe partiremos.

O marido nada lhe responde; mesmo por que o Sr. Dr. F., e o Sr. capitão E. estão a vista e não quer passar por grosseiro.

Porem attento observa o fim das taes duas contradanças e volta:

—Então? olha que é tarde!... vem?

—Não me lembrava que tinha prometido a duodecima quadrilha ao Sr. guarda marinha, e, eil-o que ind'a vem exigir.—Mas vá jogar um pouco, em quanto acabo.

O nosso marido que ha de dizer-lhe?

Dansa pois a mulher a duodecima quadrilha com o Sr. guarda marinha, e quando o marido torna a carga, lembra-se ella de que não tomou chá, e como n'esse momento apparecem bandejas com chocolate; pede-lhe arecem cinco minutos, sendo o que não tem ella remedio; e depois de um sem numero de beijos e abraços nas amigas velhas, e nas novas, dá o braço ao marido, dizendo entre dentes:

—Quo aborrecimento, não poder a gente satisfazer a sua vontade! ter sempre impecilhos junto de si!... que nos obrigam á retirar quando estamos no melhor do gosto!... Não ha nada como a gente ser livre... Veja si D. F... ja foi para casa!... Ai, ai!... agora é chorar na cama, que é logar quente.

O marido atura toda esta aluviaão de parvoices... que poderá elle fazer?... Si com effeito, ella disse muito bem—Agora é chorar na cama que é logar quente?...

Ora com effeito a mudança é grande! Porem as loucuras que assignalaram a lua de mel poderiam durar sempre?...

Não, sem duvida.

E entretanto, todas as mulheres as praticarão, e por fim se enfastiarão.

(Continúa)

## Á PEDIDO.

—Capitão, cheguei eu.

—Que novidades traz?

—Façanhas do Padre Quiabo Duro:

—Isso nada adianta. Aquella alma de porco lia de emendar-se quando o diabo a levar.

—Ouça sempre, capitão.

—Pois va la.

—Fallecendo Avelinda Maria da *Fecundação* e tendo de sepultar-se na capella de *Nossa Senhora dos Degraus*, foi uma pessoa pagar os direitos do enterro e chamar o reverendo para vir prestar os ultimos actos.

Quando o portador bateu a porta, appareceu uma mulher zanaga, feia como uma *hoicininga* á bradar furiosa—sinhô padre não está.

—A manceba do vigario, sem duvida.

—O rapaz que conhece as manhas da besta e que sabe que por dinheiro elle é capaz de andar de quatro pés, gritou de fora—venho trazer uns cobres para elle.

A essas magneticas palavras o bom do azapreta apresentou-se enfiado n'umas celouras que tinham dous dedos de cerol e recebeu onze mil e tantos reis.

Voltou o portador descansado e toca a esperar pelo Sr. vigario para sepultar-se o corpo. Esperou-se todo dia e nada; n'outro dia volta o portador a reclamar, e o padre respondeu que a constituição synodal lhe concedia oito dias para encommendação, e missa de corpo presente, oito dias estes que ate hoje ainda não findaram.

—Ate hontem; porque hoje ainda elle pode resolver-se a ir.

—Depois de quase tres mezes?

—O que tem isso? Elle é capaz de mais.

—Não creia, os donos do enterro é que fi-

caram caloteados e a defunta sem encomendação.

—Tambem não eram as rozas delle que a fariam ir para o ceu.

### BOLETIM.

Hontem 19, com a noticia da queda do partido progressista, desenvolveu-se nesta cidade uma terrivel epidemia que poz ás portas da morte os liberaes do *venha a nos*.

Os notaveis dessa facção foram os mais atacados da doença e acham-se prostados na cama.

Os mais conscienciosos, *que são os que mais bens nos tem feito*, reconhecendo-se em estado desesperado, mandaram a toda pressa chamar tabeliães para lavrarem seus testamentos em que alem de outras fazem as seguintes declarações finaes — *que os historicos são os maiores papalvos desta terra e apenas servem para ponte ou canoas de passagem; e que ainda ha taes que sonham uma outra liga com os conservadores, de modo que liberal historico ou genuino só serve para liga ou solda!*

Hoje 20, os que poderam deixar o leito, mal podem se aguentar nas pernas, que cambaleam.

Os rostos estão lividos que parecem desertores de catacumbas.

Os chefes e empregados, sectarios do defunto partido, obrigados pelo instincto de propria conservação, a comparecer nas repartições, apresentam um aspecto lugubre e semelham padecentes no oratorio. Todavia alguns mais animosos fingem-se alegres, e avistando se com os conservadores, exclamam — *então subiu a nossa gente, heim?*

Que cynicos! (Continua.)

- Charo Sr. ....
- Doutor, accrescente.
- Não se arrufe; doutores ha em qualquer canto; até pelas camarinhas.
- Não tire o que não pode dar.
- Ora, meu Zeca, deixa essas fumaças de gallo de campina, que não passas de um *pinto* gouguento.
- Ainda mais essa!
- O Silveira que te diga.
- Vinha te pedir uma explicação sobre o melhor systema de queimar caieiras, no que me dizem que és insigne, mas te acho tão inflammado. . .
- Estou hoje com a cabeça muito pesada.
- E' o teu estado habitual. O Benjamin que o atteste.
- Aquelle maldito Benjamin!
- Boas peças tem te pregado.
- E' um infractor do decalogo.

—No *nono* preceito, não ha outro.

—E quo mau costume tem o enjo!

—O peor que lhe conheço é ceder a *authoria* de suas obras a outrem.

—Por isso mesmo *perde o feitio*.

—Mas augmenta a raça dos *veados*.

—A conversa não vae toando.

—Pois mudemos de assumpto.

Dize-me arremataste, essa casaca no espallio do finado Pedro Maxixe?

—O Sr. veio para apouquentar-me? A casa é da minha formatura que ainda conservo.

—Estaes tão amuado hoje que não vale a pena conversar-se. Deixemos para outro dia.

—E eu vou d' strahir-me em Pirojá.

### VERSOS

*feitos por um tabareu e offerecidos a Manuel do Chué, natural de Selerós, perto de Braga.*

Si eu tivesse dinheiro,  
Quanto tenho de presumpção,  
Deitaria Sinhasinha  
Na casa de correção.

E Sinhasinha Sufrida  
So dá para carniceiro,  
E o borra na panella  
Só dará para arengueiro.

O Manuel do Chué  
Tem muita presumpção  
E o Joaquim de neves  
Não é mais que um cag. . .

E do Silva tambem fallo  
Como grande arengueiro;  
E a serventia delle  
Só será para embusteiro.

Todo arengueiro é covarde  
Rasteiro qual caracol,  
E um biltre dessa ordem  
Sempre leva no paiol.

O arengueiro depois de ter feito  
E armado o alcapão,  
Vae receber a recompensa  
Que lhe mettem na mão.

*O inimigo dos mexiriqueiros em casa de ferros.*

### ANNUNCIOS.

#### IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Como não comparecesse, no dia 19 de julho, numero sufficiente de Srs. socios para poder funcionar a assembléa geral, de novo convido-os a reunirem-se, no domingo 26 do corrente, ás 11 horas do dia, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 22 do julho de 1868.—A. Ricardo, 1.º secretario.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preço d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

25 DE JULHO DE 1868.

N.º 389.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
24 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, ha 17 dias, acha-se despoticamente aferrolhado nas cadeias de Itaparica José Valerio, morador no Jaburu, sem que tenha consciencia do motivo porque o subdelegado desse districto o mandou encarcerar; e como tamanha arbitrariedade, além de ser um acto attentatorio da liberdade individual, é um excessive abuso do poder, espera-se que S. S., tomando em consideração o exposto, se digne fazer com que a authoridade alludida seja mais respeitadora da lei.

— Forte caiporismo persegue o Sr. Azambuja!

Basta S. Ex. fazer cabeça n'uma cousa para logo virar azar.

— E V. que não pode estar com a lingua socegada entre os dentes!

— Por duas vezes o bom do homem nomeou commissões para festejar o acabamento da guerra, mandou deitar arandelas em palacio, e o ovo da gallinha sahio goro.

Agora põe os armadores n'uma dubadoura para armarem o palacio, manda encomendar bolinhos e fiambres, combina com seu camarada Amat para demorar-se á espera dos principes e nada de principes até hoje!

— Os pobres guardas nacionaes é que tem se amollado; ha mais de oito dias de promptidão nos quartéis, carregando o peso de uma campiplora na cabeça!

— Arre, com tanto calistismo!

— O cabo *Chibata* ainda bem não acabou uma, ja se mettendo n'outra!

— Ja fez outro barulho?

— La anda pela Saude a espancar tudo quanto é negro e moleque que pode pilhar.

— Não dizem que está preso?

— Não sei; la o vi a dar chibatadas a torto e direito.

— Tambem elle não tem culpa; si não o authorisassem, elle não commetteria taes imprudencias.

— Capitão, consta-me que o presidente dirigira ao administrador do theatro um officio neste termos:

.....  
«Entregue V. S. ao Sr. José Amat, empresario da companhia lyrica, todos os objectos que elle quizer levar para Pernambuco, pertencentes a esse theatro, assignando o dito Amat um termo, no qual se responsabilise a entregal-os quando finalizar o seu contracto com esta provincia.»  
.....

— Muito bem! Em vista das ordens da presidencia, o Sr. Amat pode levar até o administrador do theatro á titulo de objecto.

— Disseram-me que o administrador foi a

presidencia e fez-lhe algumas observações, tendo em resposta do Sr. Azambuja, que não admittia observação alguma.

—Ouvi tambem dizer, não sei si é exato, que o Sr. Amat recebeu da thezouraria provincial, hontem 23, dez contos de reis por conta da subvenção das representações que tem de dar em 1869.

—E não deu garantia alguma?

—A garantia é o patronato.

—Bravo! Suppónha que o Sr. Amat chega em Pernambuco, entende ir para Europa e não volta mais a Bahia, quem paga este dinheiro a provincia?

Supponha mais, porque todos os homens são mortaes, que o Sr. Amat morre, fica a provincia sem estes dez *conticulos*?

—Que duvida! E o theatro sem todas as vistas e vestiarios, quer pertencentes á elle, quer os deixados hypothecados pelo Sr. Mugnai.

—E agora si apparecer aqui alguma companhia que queira dar algumas representações, não pode porque o Sr. Amat levou tudo, deixando o theatro vasio.

—A Bahia nunca teve uma administração tão boa como esta do Sr. Azambuja!

—E pelo que torna-se digna dos elogios dos bahianos.

## LA VAE VERSO.

### CARAPUÇAS A' MODERNA.

Moça bonita e bem feita,  
Que o rico vestido ageita  
No corpo que tanto a enfeita  
Para a janella chegar;  
Procura algum pretendido,  
Algum velho entorpecido,  
Que do mundo arrependido  
Queira com ella casar!

Moça que somente canta  
Fingindo rosto de santa,  
E que tarde se alevanta  
P'ra os cabellos pentear;  
Não cuida nos affazeres,  
Porque somente em prazeres  
Tem fixado os seus poderes  
E morrer por se casar!

A que no banco das tias  
Tem assento e primasias,  
E procura sympathias  
Que a fazem atormentar;  
Essa moça não é boa  
Na verdade não me tóa,  
Pois traz a cabeça atóa  
Merece com um pau casar.

Moça que a muitos namora,

Finge que a todos adora  
Porque se julga senhora  
Dos que vive a escravisar;  
Más não se lembra a louquinha  
Que a belleza se defineha,  
Quando p'ra velha caminha  
E morre sem se casar!

A que namora estndantes  
Varia a todos os instantes,  
Porque sabe que os tonantes  
Estão sempre a variar;  
Ate que encontra por fim,  
Algum que lhe dê o sim,  
E que ella coitada assim  
Com elle vem a casar

A que namora cadete,  
Chama-o seu periquitete,  
E faz d'elle o seu banquete  
Para rir-se a escangalhar;  
Porque sabe que o taful,  
De sobre-casaca azul,  
Levado por vento sul  
Falla a todas p'ra casar.

Moça que namora a frade,  
—Caro senhor não se enfade—  
—Que desta vez acho grade  
Desejo em «frade» fallar;  
Chama-o «porco, fedorento»  
Chama-o «feio, polhento»  
Porque o «capote nojento»  
O veda de se casar.

A que namora caixeiro,  
Isto é caso verdadeiro,  
Não julguem ser lisongeiro;  
Que não pretend' enganar;  
F' muito spirituosa  
Do amante mui zelosa,  
Ate chega a ser dolosa  
Porque seu fim é casar.

A que namora logista  
Julga ser d'elle bem-quista,  
Faz logo comprida lista  
De enxoval que hade comprar;  
Diz as suas camaradas  
Que ja estão convidadas  
P'ra bôdas e patacuadas,  
Porque em breve hade casar.

A que adora ao hypocatico,  
Vendo sempre andar sysmatico,  
Deixa o costume selvatico  
D'estar a namoricar;  
Fique seria, altiva, e nobre  
Soccorra ao enfermo, ao pobre,  
E de outra sorte não obre  
Si com elle quer casar.

A que adora ao bacharel

Vive em continuo aranzel,  
Do ciúme liba o fel  
Pelo que tem a desperar;  
Faz promessa ao Santo Christo,  
Reza-lhe a noite ao resisto,  
Porque a muito não tem visto  
Com quem desoja casar.

A que ama ao vendelhão,  
—E' caso jocoso entãol  
De manhan pede-lhe pão  
Para com o café tomar,  
A' tarde pede rosquinha  
E alguma bolaxiuha,  
E pergunta a coitadinha  
Quando havemos de casar?

A que namora ao poeta  
Isto é que é moça pateta!  
Da tolice toca a meta  
E lograda hade ficar;  
Porque o sujeito com juras  
Com protestos e ternuras,  
Faz tamanhas diabruras  
Quo ella fica sem casar,

Si alguma por meus peccados  
Sem carapuça ficou,  
Annuncie no *Alabama*  
Porque trabalhando estou.

Desde ja fique sabendo  
Que o «Mister» carapuceiro,  
Tem bom panno e corta bem,  
Mas é preciso dinheiro.

Si encommendas não houverem  
Para os homens talharei;  
E protesto que p'ra elles  
Muito melhor cozerai.

## MOTTE.

GLOZADO ENTRE O PADRE GIBOIA, E DR. CARETA, E  
A JANINIA MUXIBA.

*Um beijo no calcanhar.*

P.<sup>o</sup>—*Ora pois, quero glosar, la vae a minha  
estejam promptos que é boa*

Encontrei com Guilhermina  
Mulata de abarrotar,  
Fui logo lhe pespegando  
*Um beijo no calcanhar.*

Dr.—*Safa-se d aqui Sr. padre tumbeiro, as ne-  
gras de pote d'agoa não lhe querem quanto  
mais a Guilhermina, que anda entretida com  
o Dr. Vital; eu sim que esta noite fui convida-  
do para um carurú, e fiz a minha que repilo,  
peço grade—*

Alvo collo de alabastro,  
Grossa perna de manjar,

Dão desejos que se pregue  
*Um beijo no calcanhar.*

*A melhor, vou a outra—*

As moças tomando banho  
N'uma noite de luar,  
Tem certos mimos que excitam  
*Um beijo no calcanhar.*

*A melhor—*

Vi um frade franciscano  
Babando quasi a chorar,  
Pedindo a uma negra gêge  
*Um beijo no calcanhar.*

Janin.—*Arre canalha, que desaforo sendo eu  
uma Sra. que todos dizem que é honrada, não  
me dão assumpto!! Silencio, que quero sahir  
com a minha—*

A creança chupa o peito  
Sem aprender a mamar,  
Eu dou tambem sem ter visto  
*Um beijo no calcanhar.*

*Outra mais—*

Pepino com raspadura  
E' bom para se engordar;  
Cura dores de cabeça  
*Um beijo no calcanhar.*

P.<sup>o</sup>—*Ora vejam que mulher estúpida, diz que  
pepino faz engordar, quando pepino é coiza  
fria, que faz dor de madre e comixões; Sra.  
tarasca cale essa boca, que vou discorrer—*

Na caixa das raxaduras  
Muitos foram se atollar,  
E deram por pagamento  
*Um beijo no calcanhar.*

*Outra no mesmo assumpto—*

Certa moça que eu conheço  
So se occupa em namorar,  
Em busca de quem lhe dê  
*Um beijo no calcanhar.*

Dr.—*Sabem que mais vou-me embora, adeos,  
adeos, ate outra vez que nos divertiremos  
mais.*

(*Extr.*)

## Á PEDIDO.

## BOLETIM.

Julho 21.—Com a leitura da noticia da  
redacção do *Diario*, que se attribue á fonte  
*vasconcellina*, os conservadores, emproados  
como perús, abaixaram um pouco a crista,  
mas ainda *incham*—que o Itaborahy ha de  
executar a promessa aqui feita no jantar que  
lhe foi offerecido pelos irmãos: e quando não,  
far-se-ha retirar o *Caxias*.



Deste modo não se realizará o vaticínio do ex-presidente do conselho—*hei de cahir com o marquez.*

Desta feita será o marquez quem caia por si.

22.—A subida do cambio politico foi seguida de immediata e consideravel baixa.

A temperatura vaelibrando-se, de sorte que a duvida alenta a anciedade dos partidos. O que menos ou nada espera é o *historico* que apenas é lembrado para *cataplasma* ou *ingredientes*, *correctivo* na pharmacoepa politica.

A chegada dos principes é absorvida pela espera do vapor.

Começam os remoques no *Jornal*.

23.—Nada de vapor! Cresce a anciedade publica, mas a esperanza permanece com a duvida.

Os curiosos agrupam-se nos desfiladeiros da montanha e nas rampas do theatro, da praça e do passeio publico. Assestam-se os binoculos para a barra, que em sua largura abrange as innumeras vistas que para la convergem.

Tambem é objecto de attenção o encantado pau da bandeira ao forte do mar, que com o menor signal fixa a curiosidade.

Os empregados publicos de quando em vez largam a penna, e exclamam, os mais timidos—*quem serão os nossos amos!* e os mais ousados—*quaes serão os nossos carreligionarios* (ja vedes que estes são os *franciscanos politicos*, para quem todo mundo é seu.)

O *Jornal* dá isca aos amigos de um ministro decahido da mesma forma que outr'ora aggredera a um presidente nomeado, a quem perguntara donde vinha &. &. Tres respostas a um tempo, a primeira é chistosa, as outras dando o cavaco reconhecem a ferida no jogo da espada

(*Continua.*)

—A couza vae-se complicando.

—Do que falla?

—Dos negocios do Amat.

—Porque?

—Porque, logo que soube da queda do ministerio, tratou de suspender os espectaculos que estava dando, apezar de ter promettido demorar-se até a chegada dos principes.

—Não admira, porque os meninos da *Candinha*, dizem por ali, que S. Ex., dissera a alguém, que sentia ja ter feito as encomendas dos doces, porque si assim não fosse, nada faria, para que os conservadores o fizessem.

Consta tambem, que o Sr. Theodoro Teixeira Gomes, depoistario das roupas do theatro, chamara o Amat á contas, despertado pela noticia que deu o *Alabama*.

—Fez muito bem; porque, alem de ser uma protecção escandalosa, é um requinte de malvadez.

—E que fará o governo?

—O que fará? Mandará, que o Amat, leve além da roupa e vistas, tudo mais quanto elle entender, até mesmo os tres *pianos* que o Mugnay tambem deixou.

—A proposito, o que é isto destes *pianos*?

—Eu sei cá; consta que só existe um.

—O caso é que o Amat, ja está com tudo prompto para se safar, logo que chegue qualquer vapor, para evitar que o presidente, que tome posse, o embarace na patota.

—O homem é finorio, mostra ter juizo.

—O que elle é. . . . . só Deus o sabe.

—Refinado. . . . .

—Elle uão: quem lhe dá a teta, sim. . . . .

—E' costume sempre que o governo faz contrato com empregarios, quer dramaticos, quer liricos ser uma das primeiras condições o seguinte artigo — «Todo vestuario, vistas, ou qualquer outro objecto que fizer durante sua empresa, ficarão pertencendo ao theatro e não terá direito algum a reclamação.»—Com o Amat, a cousa mudou de figura. Além do governo o ter poupado de gastar bom dinheiro com vestuario, prejudicando assim o theatro, alem de estragar a roupa que está depositada do Mugnay, e o theatro nada ter lucrado com a empresa do Amat, ainda em cima faz-lhe presente da roupa, peças de muzica, e das vistas do nosso theatro, a fim de privar os nossos artistas bahianos de poderem trabalhar.

—Homem, isto é de mais. . . . .

(*Continua.*)

## ANNUNCIOS.

### IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

Como não comparecesse, no dia 19 de julho, numero sufficiente de Srs. socios para poder funcionar a assembléa geral, de novo convido-os a reunirem-se, no domingo 26 do corrente, ás 11 horas do dia, afim de discutirem o relatorio do conselho e o parecer da commissão de contas, do trimestre findo em 30 de abril do anno corrente. Bahia 22 de julho de 1868.—A. Ricardo, 1.º secretario.

O abaixo assignado gratifica com uma boa . . . . . recompensa, a quem descobrir um interno professor que tem a carta falsificada. Esta recompensa se receberá de uma senhora seduzida por este honradissimo pardal, da qual se constituia protector. O Jacati.



# O ALABAMA

## Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 39.

Preco d'assignatura — 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

28 DE JULHO DE 1868.

N.º 390.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
27 de julho de 1868.

Officio a Illma. camara municipal. — Pro-  
palando-se que, na obra que essa Illma. está  
fazendo, na casa do mercado de verduras,  
em Santa Barbara, são admittidos os escr-  
vos Cypriano, Salustiano e Lucas como mes-  
tres pedreiros e apontados com 1\$280 rs.  
diarios, quando, ao muito, lhes poderia caber  
a classificação de aprendizes por serem com-  
pletamente leigos no officio, sendo o ultimo  
ate inhabilitado por ser aleijado; accrescendo  
que se apresentam no serviço ás oito horas e  
meia, depois que acabam os afazeres de seus se-  
nhores; razão porque, nessa obra, que se po-  
dia fazer com pouco mais de 200\$ reis, tem  
gasto a municipalidade perto de 500\$ reis;  
sirva-se a Illma. de mandar examinar toda  
essa patotada e verificar em proveito de quem  
é ella feita.

— Está de posse da presidencia o Dr. Fi-  
gueredo Rocha.

— Desde domingo á uma hora.

— Tive pena do Azambuja; estava com ar-  
tão compadecido assim como quem deixava a  
coisa com pezar.

— O Daumerie viu-se abarbelado esses tres  
dias. Teve mais de mil e duzentas *casacas* para  
*virar*.

— Lhes se persuadem que, por virarem a  
casaca, o povo não lhes conhecem a *cor do*  
*panno*.

— Isso não adianta. Houve concorrência?

— Nem por isso: a official somente.

— O povo comprehende que mudou apenas  
de amo.

— Veremos agora a cataplasma de benefi-  
cios que arrumam no estomago debilitado do  
paiz, essa gente que faz chover maná do ceu.

— Para sua gente.

— Lhe affianço que agora não ha parentes  
pobres.

— E que é preciso acalantar a muito meni-  
no chorão.

— Como é a gente ordeira, as cousas hão  
de se arranjar por maneiras.

— Eu so quero ver si elles continuam a ap-  
provar as demonstrações populares e si ain-  
da promovem *meetings* nas praças de Per-  
nambuco.

— Ora V. ainda come ingás!

— Quer saber que mais? mudemos de con-  
versa que isso não nos interessa nada.

— Ha certas cousas que só se dando com o  
*pae do santo*.

— Venha manso, rapaz.

— F: z favor de me dizer o que significa  
este novo systema de tapar buraco pelas  
ruas?

— Economias.

— Ora *sebo* para tal economia do pagar-se  
a um homem para ir a esta ou aquella rua

arrancar uma pedra e metter outra, como eu tenho visto, e chamar-se a isto economical!

—O resultado é fazer-se duas despezas.

—Esse pouco.

E a ladeira de S. Bento tambem está no caso de ser remendada? Uma rua que ha pedagos em que não tem uma pedra?

—Chama-se atamancar.

—E quando a parte atamancada estiver prompta, o outro lado está brocado.

—Olhe que V. é intolerante! Não quer que se dê a rapazeada algum osso a roer!

—No domingo á noite andou um grupo com musica á frente, a victoriar o partido conservador.

—Elles podem; tem dinheiro para gastar com musica.

—A musica foi de graça á mandado da presidencia.

—Pois o Sr. Figueiredo estreiou a vigario da roça?

—Como?

—Fazendo e baptisando.

—Nao entendo.

—Fornecendo musica para dar vivas a si mesmo?

—Ah, isso chama-se atirar o foguete e apañhar a fléxa.

—Mais eu creio que é cassuada; acho o homem muito serio para essa leviandade.

—Ao menos dizem os muzicos que quando acabou o pagode receberam um agradecimento em nome de S. Ex.

—Olhe que V. é um bocorio.

—Assumiu-hontem a chefatura da policia o Sr. Dr. Francisco Mendes da Costa Correia, juiz de direito da 1.º vara da capital.

—Ja sabia disso.

—O Sr. Dr. Rocha Vianna, durante o curto espaço de sua gerencia na policia, tornou-se digno de elogios pela intereza e dedicacão com que procurou bem servir.

—E pela urbanidade e delicadeza com que tratava as partes que iam a sua secretaria.

—Seja portanto consignada uma felicitação ao Dr. Rocha Vianna.

—Va feito.

—Leu o *Jornal* de 23 dô corrente.

—Li.

—Viu um artigo que vem debaixo do titulo —*publicações diversas*—dirigido ao Illm. Sr. Luiz Olimpio Telles de Menezes, tendente a negocios do spiritismo, assignado—o tabareu?

—Não.

—Pois tem um pedacinho engraçado.

—Lêa-o para eu ouvir.

—Ouça la:

«.....»

«Tinha eu dez annos, quando deixou este mundo das incarnacões minha mãe tão extremosa!.. Seu semblante, seus modos ficaram completamente gravados em a minha memoria. Aos trinta de minha idade recebi-me em matrimonio com uma senhora que contava apenas 16. N'esta senhora, meu bom amigo, o que mais captivou a minha estima, foram as apparencias que dava o seu semblante como de minha carinhosa mãe. E o que agora, depois que me tenho instruido um pouco na doutrina spiritica, o que mais constrange a minha alma é que, reconhecendo que os seus carinhos, tudo retrata o mais fielmente possivel áquella que me deu o ser, tem-se-me encasquetado no juizo que o seu spirito reincarnara, e que eu, por cumulo de minhas infelicidades, acho-me hoje casado com minha propria mãe!

«.....»

—De maneira que o Luiz Olympio ha de responder, depois que a *medium* disser, si de facto elle está casado com a propria mãe que o pariul!

—Varro!

—Refiro-me ao tabareu. V. tambem toma tudo para si!

—Xô bicho! Passe de largo!

—Mudemos de conversa que V. hoje está para pilherias.

—Corre que foi nomeado delegado do 1.º districto policial o Dr. Pedro da Costa e Abreu em substituição ao Sr. José Alvares do Amaral.

—Dizem tambem que está demettido de subelegado da Sé o Sr. Jovino Cesar da Silva, entrando em seu lugar o Dr. Altino Rodrigues Pimenta.

—Os conservadores de Santo Antonio deitaram luminarias com estrellas vermelhas, tendo nos angulos de cada esphera o nome de um ministro.

—Como estão exaltados os rapezes!

## LA VAE VERSO.

### Soneto.

Metti-me a namorar, n'outra não caio!  
Que o demonio cruel da namorada,  
Deu na minha algibeira uma facada  
Que os cobres me levou... quase desmaio!  
Si me escondo, si fujo, e á rua saio,  
O moleque me ataca de emboscada:  
Um bilhete me entrega: — é a damnada  
Que me pede dinheiro!... antes um raio!

Quer pentes, alfinetes e agulheiro  
 Quer vestidos da moda, brincos d'ouro,  
 Quer pomadas, aneis sabão de cheiro!  
 Tenho accaso escondido algum thesouro?  
 Arre... safal! não tenho mais dinheiro...,  
 O diabo me leve o tal namoro:

(Extr.)

## Á PEDIDO.

Entre os nove cidadãos de que se lia de compor a minha lista para vereadores sobre-sabem tres nomes para os quaes eu desejava poder convergir todo suffragio popular.

Na impossibilidade de realizar os meus desejos, apresento os nomes desses tres distinctos cidadãos ao publico bahiano, pedindo-lhe que vote nelles por serem dignos de corresponder a confiança publica.

Eil-os —

Barão de Saubipe.

Elpidio da Silva Baraúna.

Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida.

Um do povo.

—Sr. *Universal*, V. tem más entranhas.

—Como! Si eu não offendo a um gato sendo meu?

—Tem indole perversa.

—Ignoro, porque me accusa assim;

—Por querer tirar o pão a um pobre homem, que não se quiz sujeitar a seus caprichos.

—Eu?

—Ora!

—Que aleive!

—Como o Jorge não quiz *afirmar* o que V. lhe ordenou, foi accusal-o de pactuar com os taverneiros, para ver si assim o privava dos magros dois crusados diarios que o homem ganha.

—Nem por isso foi demittido.

—E' porque o caluniador so inspira despreso.

—Insolente moleque!

—E' escravo do barão do Catu.

—Logo vi que era escravo de fidalgo.

—Como o tambor passou pelo centro daquelles moços que conversam e advertiram-lhe que era incivildade, elle a instar para que o tambor va passar de novo e dê uma bofetada em quem disser qualquer cousa por que está alli para ajudal-o!

—Não é de hoje que se reclama contra a petulancia dos escravos do Sr. barão do Catu; e a policia nenhum caso tem feito.

—Este moleque ha dias esteve na Correc-

ção, porem sabiu mais atrevido do que entrou.

—E ha de andar-se na rua sujeito até ameaça dos escravos malcreados dos fidalgos!

## VARIÉDADES.

### REQUERIMENTO.

*Attribuido a um cirurgião de Villa-Boim na provincia do Alentejo e comarca d' Elvas.*

In nomine Dei — Diz Joaquim do Carmo Nobre cirurgião com todas as approvações ordinarias e extraordinarias, e condecorado misericordiosamente com todas as methamorfozes das alçadas medicas, e no ponderativo e sapiente exercicio destas pungentes faculdades intra e extra Villa-Boim, que achando-se o supplicante assim encabeçado, e no gozo salutar de todos os partidos da salubridade da contumacia achacada, e decrepita, que resulta da administração esférica da pulsação melancolica, ja dos humores da contextura cutanea, ja dos vicios latentes e perdularios, ja do Orisonte aggravante daquellas molestias, que demandam auxilio dos unguentos, cataplasma, e cauterios, e das outras sufragiadas com receitas de vomitorios, charopes, cosimentos e tudo o mais; para cujos tratamentos é sempre necessario, que o juizo, a pratica e os authores simultaneamente se unam e casticem, cujos medicamentos obram por virtude occulta, como diz Comenio *omnes intemperie calida*, e de taes tratamentos, nós os mestres não podemos muitas vezes evitar phenomenos os mais dolorosos, e lugubres, que so attribuem a incredulidade quotidiana do corroboração estomucal, sem com tudo vulnerar as evaporações desintericas, que subministram o suco para as observações arterias, e formam a baze entre o administrativo e executivo. Reluzindo pois no supplicante todos os apparatus instructivos para o bom e exacto cumprimento das obrigações que se acham a cargo da sua respectiva Effigie; acontece ver-se o supplicante atacado, vilipendiado; e petulantemente escarnecido por um homem que lhe tem usurpado os direitos do pulso, do torniquete, e ariar; é elle o prior o padre ex-seringa João Correia que esquecido de que a vida do sacerdote deve ser toda empregada entre o vestibulo, e o altar, e Montplier, diz mais, que o sacerdote deve ser como o sino, viver sem por os pés na terra; porem aquelle prior ignorante do ornamento ecclesiastico que o circunda, ja por falta de instrução, ja pela abição, que o characterisa, porque é dominado de uma avareza, que tem mais peso que as piramides de Sesosteis, e do Egypto. Este grande heoi so em alhos, e sobolas para os obreiros que construíram as piramides gastou seis

centos mil talentos. Em consequencia do exposto denuncia o supplicante a V. S. que aquelle prior de Villa-Boim, com grave prejuizo publico se tem imtromettido a exercer e praticar a sciencia do supplicante, fazendo receitas para molestias, e applicando remedios como um rustico curandeiro, sem ter authores nem estudos, por que o supplicado somente frequentou a academia do ensino de deitar ajudas, o que quando aos doctes escapolia vento maior ou menor pelos labios da entrada do estreito canal da seringa eram obrigados a responder os operantes. *Quia ventus est vita mea.* Por todos os motivos allegados requer o supplicante que o referido Parocho seja Authoado e Processado como um usurpador das sciencias naturaes, e igualmente por fugir com o corpo aos trabalhos espirituaes, pois que so cuida em tosquiar as ovelhas do rebanho pela utilidade do proveito da lã, e das caganitas.

Pede a V. S. Illm. Sr. Juiz de Direito da comarca de Elvas, seja servido attender ao exposto neste requerimento, mandando V. S. responder o supplicado, e depois o supplicante para que possa contrariar a negativa no caso que o supplicado embirre nella—E. R. M.

EDITAL.

Eu Romão Rofando Rgrande, por graça de Judas, e de Pilatos, fiscal-mor da caterva seminarense do patente anno, faço saber á todos, que o meu presente edital lêrem, que, por ordem do ministerio ecclesiastico, estou authorisado a prender, sentenciar, e punir todo e qualquer padrego seminarista, que, sem o menor respeito ao estado que occupa, sem o menor pejo e vergonha de si mesmo, frequentar, ao clarão do dia a vista de todos os cidadãos, os immundos lupanares das empiematicas filhas de Jerusalem: e se não obstante, constar ou souber que algum inda os frequenta, então além de applicar-lhe as rigorosas penas do codigo ecclesiastico, divulgarei pelos jornaes mais publicos d'esta cidade não só o nome do relapso padrego, como a rua, casa, numero, e nome da freguesia. —Bahia 22 de Abril de 1847.—O Fiscal-mor da caterva Seminarense.

MAXIMAS DA MADRE LAGARTIXA.

Quem tem precisão,  
Faz das tripas coração.

Quem vae aos Afflictos,  
Vê moços bonitos.

Quem vae a casa de pasto,  
Sempre faz um gasto.

Conversas de frade,

Faz anciadade.

Mulher do juiz,  
Retorce o nariz.

Egenho sem gado,  
E' pote furado.

Mulher parteira,  
Sempre da em curandeira.

Quando a fortuna se arriba,  
Desce do céu a muxiba.

Quando a fortuna se abaixa,  
Leva a gente uma tarraxa.

Quando o jantar stá na mesa,  
Foge da gente a tristeza.

Com sedas, e banhos salgados,  
Ficam os maridos desgraçados.

Mulher que influe em eleições,  
Merece bem caxações.

Estudante reprovado,  
E' comer vomitado.

Mulher que faz intriga,  
Destempera a barriga,

Musico gulotão,  
Morre de indigestão.

—Um individuo que tinha um filho muito esperto levou-o num domingo a ver as eleições.

Quando se corria o escrutino appareceu uma lista que dizia:

Voto em Jesus Christo  
P'ra ver se indireita isto

Então o filho disse ao pae:

—O' papa, tambem se toma nota dequelle nome!

—Não, porque não está recenseado.

Uma senhora tinha uma filha, que costumava cantar em concerto; um dia a mãe annunciava aos seus conhecimentos que a filha tinha perdido a voz.

—E onde foi que tal lhe succedeu? perguntou uma das circumstantes.

—A' sahida do theatro.

—Ponha V. Ex. um annuncio em um jornal; que talvez ella appareça, disse um dos presentes.

Dois amigos encontram-se a noite:

—Ondes vaes, ó Fulano?

—Vou para casa.

—Olha, tens ali meia libra pegada?

—O dinheiro nunca se me pega na algibeira.

PARA O CEGUINHO.

A' porta d'um livreiro uma criança mendiga dizia em tom plangente:

—Uma esmola para o ceguinho, por amor de Deus.

Davam-lhe uns esmola, outros não lhe davam, mas ninguem perguntava pelo cego.

Uma alma caritativa teve sua curiosidade.

—Então onde está o cego, rapariga?

—Ab! meu senhor, está alli ao pé da vidraça a ver as estampas.



# O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VI.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.  
á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 40.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE JULHO DE 1868.

N.º 391.

## O ALABAMA.

### EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*  
29 de julho de 1868.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illumina-  
ção publica, chamando sua attenção para os  
seguintes pontos, onde a illuminação é como  
se não existisse:—beccos das Hostias, das  
Moros e do Mingau, Afflictos, Mundo Novo,  
Quebranças, ladeira do Gabriel, Areal de Bai-  
xo e outras muitas ruas. Espera-se que S. S.  
que tão sollicito se mostra em providenciar  
sobre qualquer reclamação que lhe é feita,  
tome promptas medidas que façam melhorar  
o serviço da illuminação nos logares acima  
indicados.

—Hontem deu-se um fracasso em uma das  
gondolas da carreira do Bornsim.

—Como foi?

—Tendo parado a gondola para receber um  
individuo, succedeu que no acto de embar-  
car este, partisse ella e o cujo fosse de ven-  
tas na lama, fazendo duas contusões no ros-  
to, e outras nos beiços, alem do prejuizo do  
chapeu de sol que ficou em migalhas.

—Isso é o menos.

—A empreza deve advertir aos seus boliei-  
ros, que todo cuidado é pouco para evitar ca-  
sos desta ordem.

—Isto é de mais! Recrutar-se a um velho,  
e cego de um olho de mais a mais!

—E' so para massacrar, porque um infe-  
liz nestas condições não pode servir.

—Justamente. Tanto que no expediente da  
presidencia do dia 22, vem o seguinte officio:

«—Ao coronel commandante das armas. —  
Mande V. S. pôr em liberdade os recrutas  
que foram julgados incapazes para o serviço  
do exercito, segundo informa V. S. em officio  
de 21 do corrente, de nome Nicolau Freire da  
Fonseca, por ser de maior idade e ter uma  
*belida* no olho esquerdo e Luiz Justino das  
Mercez, por ser de maior idade e ter cravos  
nos pés.»

—Ah, isso inda é do tempo do Sr. Azam-  
bujá.

—Fosse lá do tempo do diabo é o que não  
quero saber. So elamo contra a selvageria  
com que se commettem taes iniquidades.

### PHYSIOLOGIA DA MULHER CASADA.

PELO DR. \* \* \*

(Conclusão.)

III.

#### A mulher zelozá.

Quando uma senhora casa, deve faser o  
seguinte raciocinio;

—Ou meu marido casa comigo por me ter  
verdadeiro amor, sincera amisade, e é bem  
educado e de nobres sentimentos—ou pro-  
cura-me por especulação, e interesse—ou é  
alem d'isso um debochado, e sem pundonor.

Este raciocínio não será difficil á qualquer esposa, porque difficilmente se illude o coração da mulher.

Ora no 1.º caso, o marido de certo ha de ser fiel á sua mulher—como é dado ao homem ser—isto é—ha de dar a sua *topada*, porque todo homem a dá, e a razão é bem clara; porem não ha de causar desgostos a sua cara ametade, que elletanto adora; não ha de ter concubina; não ha de desperdiçar com outra os carinhos reservados a sua esposa; nem faltar com todo o necessario á sua casa.

E n'este caso, mal faz a mulher em suspeital-o; porque deve saber que elle é o melhor que pode haver na qualidade de marido.

No 2.º e 3.º casos, não merece que a mulher se consuma e soffra, e se torne infeliz, com receio de perder o coração do esposo, por que muito bem combina, que o tal coração nunca lhe pertenceu, e que por consequencia elle, depois de casado, havia seguir a vida desregrada e debochada que passava antes de casar-se.

Isto deveria pensar a senhora que casa.

Porem é como se eu pregasse aos peixinhos; porque isto não impedirá á mulher de ser *ciumenta per omnia secula seculorum, amen!*

Uma senhora casada que é zelosa faz-se desgraçada, e torna desgraçado a tudo quanto a rodeia. A mais futil apparencia faz nascer em seu espirito mil e diversas suspeitas.

Então atormenta ao marido, implica com os filhos, ralha com os criados, e bate no cãozinho, se é que o tem.

Si o marido dorme mal, é porque tem alguma cousa que lhe tira o somno.

Si sonha alto, si fallou em fulana, ou sicrana, é porque está perdido de amores pela sugeita.

Si levanta-se, sem fazer bulha para não acordar sua mulher, ou pela manhan, ou mesmo á noite para algum serviço, a mulher que nada lhe escapa, diz-lhe:

—Com effeito! quantas precauções para se levantar!... pelo que vejo V. tem medo de acordar-me?

—Eu julgava que V. ainda dormia, e não queria sobresaltal-a.

—Ah!... com que então não queria que eu acordasse?... de certo, uma mulher dormindo é mais commoda!... Para que se levanta tão cedo, quem lhe apressa, onde vae?

Veste-se o marido para sahir. A mulher examina-o dos bicos dos pes ate a cabeça, e exclama:

—Pois para ir para a repartição, vae com esse lenço ao pescoço, que V. so costuma sahir ao domingos... Onde vae V. hoje? são alguns projectos?

—Quaes projectos?... pois é de lei, que use d'este lenço so ao domingo?...

—Sim... não... mas... V. atou-o hoje com tal perfeição... ha algumas vezes pretenções...

O marido rala-se, porem que ha de fazer? calar-se.

Si o marido tem algum negocio, que o obriegue a sahir cedo, e pede que se aprompte o almoço antes da hora costumada, responderá a mulher:

—Oh homem!... V. está hoje bem apressado, isto é cousa!...

Si o marido vem meia hora depois da em que se acaba a repartição, si é empregado publico, ou da em que costuma recolher-se para casa,—misericordia!

—V. onde esteve?... Agora foi que se fechou a loja, ou a repartição?... eim? onde foi?...

—Fui á cidade baixa, mandar limpar o meu relógio, que anda desacertado.

—E' uma boa desculpa!... pois não!... mas V. não me disse que ia hoje a cidade baixa, porque não me disse?...

—Esqueceu-me.

—Como vem palido!... como está V. cansado!... ora ha ninguem mais desgraçada do que eu!... maldita hora em que me casei!... antes minha mãe tivesse parido em meu logar um cesto de pedras!...

E estas, e outras cousas são ditas, e reditas, passando-se ao marido uma revista d'olhos completa!...

Vem um domingo á tarde um amigo com quem o marido ficou de ir dar um passeio; e depois dos cumprimentos, deixa-o na salla, e entra no gabinete para vestir-se.

—Quem é este sujeito?...

—E' o meu amigo Fuão.

—Não gosto nada d'elle!

—Tambem elle não precisa que V. goste!

—Está visto! basta eu não gostar, para ser logo seu amigo!... Onde vae V?... porque não me disse que tinha hoje este passeio?... de sorte que no domingo, que deve ficar em casa na minha companhia, deixa-me so?... Os diabos levem todos estes peralvilhos que deitam a perder e desencaminham os homens casados!...

—Tenha juizo, mulher!... Não vê que Fuão está ouvindo? quer que elle a tenha por malcriada?

—Que me importa?... E' mesmo para elle ouvir que fallo alto!... Tomara que cá não volte!

Chega uma nova companhia theatral, e o nosso homem decide-se á ir ao theatro.

—Onde vae hoje?

—Ao theatro: chegaram uns comicos novos, e vou vel-os—

—E porque não tomou um camarote para eu tambem ir?

—Quando mo resolvi á comprar bilhete, já não havia;—ou então:

—Os camarotes estiveram por 20\$ reis, e você bem sabe. que não posso!—

—Pois não!... para mim nunca ha dinheiro!... sabe Deus com quem vae V.!... ou si o theatro não é desculpa para V. ir á alguma parte!... eim? que diz?... Olhe hade de me contar amanha o enredo todo da peça!

Si o marido come pouco ao jantar, é cousa; é signal que comeu fora de casa!

Si come com vontade, é cousa: é signal que alguma cousa fez, que lhe abriu o apetite!

Si, por qualquer motivo, está amuado, e não corresponde ás caricias da mulher, é cousa extrema: é porque ama a outra absolutamente, e por isso lhe importunam as caricias de sua mulher.

Si quando si recolhe para casa, faz carinhos, e agradós á sua mulher; ainda é cousa: é porque fez alguma na rua, e os remorsos o mordem; ou porque usa d'esse manejo para occultar á mulher o amor que sente por outra.

Si falla mesmo em D. F., é sempre cousa: isto prova que pensa na tal fulana.

Si nunca falla d'ella, é para occultar o joquinho.

Si diz mal d'ella, é malicia para que a mulher não tenha d'ella ciumes.

E assim, assim consecutivamente!... pois seria um nunca acabar, si quizesse citar os innumeraveis pretextos, que sempre acha a ciumenta para brigar com seu marido.

Finalmente o ciume é triste cousa; e algumas vezes dá no tragico!—porem o menos que produz, neste caso, é incitar o marido a que pratique aquillo de que tantas vezes é injustamente accusado!

Pensae n'este resto, minhas senhoras.

## LA VAE VERSO.

### A NOVA PHASE.

Cahe por terra o progressismo  
E sóbe a conservação,  
Os que escaparem da quéda  
Morrerão de indigestão.

Liberaes o progressistas  
Não se puderão entender,  
Mas as fatias do estado  
Não ficaram por comer.

Agora acaba-se a guerra  
Diz a conserva d'aqui;

E' o que inda veremos  
Grita o progresso d'alli.

Vae haver gran reboição;  
Tudo agora vae mudar;  
Os debaixo vão p'ra cima,  
Salva a patria ha de ficar.

Presidentes de provincia  
Inspector de quartirão,  
Tudo gente da conserva  
Para fazer eleição.

Dissolva-se o parlamento,  
Faça-se nova eleição  
Camara unanime, e haja rolo,  
Pontapé e caxação.

E depois teremos tudo  
Até viagem a balão,  
Embora o povo não tenha  
Nem a carne nem o pão,

Cahe por terra o Zacarias  
E sóbe a conservação,  
Mas o partido liberal  
E' o partido da nação.

X.

(Typographo.)

## Á PEDIDO.

### BOLETIM.

Julho 24.—As 7 horas da noite ja estoiravam foguetes do ar: era a noticia que grasava da ascensão do partido conservador.

O *Cruzeiro do Sul* mal se fazia annunciar pelo telegrapho, ja os curiosos e os interessados se apinhavam na Praça de Palacio, onde se deram varios episodios, vistos e ouvidos.

Certo magnate, que muito tem servido ao partido decahido, em que fez a sua iniciação politica, sahindo de palacio, dizia a outro que-tal—*agora é que vou fazer a minha declaração politica.*—Respondeu o outro—*não é preciso, porque ja somos conhecidos por conservadores.*

Outros que vivem da ordem do dia, deram os *costumados* vivas: e até certos empregados publicos, que festejavam o partido progressista, para os quaes não havia melhor, deram suas demonstrações de que são verdadeiros *suissos*.

Perguntando-se-lhes a causa dessa adhesão, responderam *que pela razão natural de serem empregados do governo.* Mas quem lhes paga é a nação, e os partidos politicos não se originam do governo, e sim dos principios.

Pois sim, respondeu um mau rhetorico, *nós seguimos os principios dos que governam.*—Porém veja que com semelhante resposta *ũa nada adianta na questão.*



que havia de dizer o trocatintas? Segui-  
mos a ideia que triumphou e que sempre é a me-  
lhor e mais consentanea com o bem publico.

Nesse camiubo, la surge um certo . . . . .  
muito esbaforido e louco de contentamento.  
Este *quidam* foi um que no tempo da *liga*  
andou pelas ruas e praças da cidade, entoan-  
do vivas ao partido progressista, liberal &.

Por ultimo, seriam 9 horas, ouviu-se soar  
no salão do palacio martelladas que indica-  
vam que progavam-se caixões. Um maligno,  
que se achava perto de nós, disse que eram  
martelladas proprias de armador no caixão de  
algum *cadaver ou defunto fallecido*. Porém ou-  
tro sujeito mais rasoavel, observou que S. Ex.  
mandava encaixotar, para levar para a corte  
os doces e bolinhos que destinara para a  
recepção dos principes.

—Ora vejam so aquelle mameluco, um dos  
mais ardentes apologistas do Azambuja, como  
agora anda a lhe cortar na pelle!

—E' um dos apedrejadores do sol que se  
põe.

—Ainda no dia da posse do novo presiden-  
te disse cobras e lagartos do homem que ja  
não tinha o que dar.

—Eu tambem vi na hora em que o barão  
sentou-se ao pé do Figueiredo Rocha e poz-se  
a conversar elle dizer—está se inculcando. . .  
este não é o *pax-vobis* do outro que consentia  
quanta bandalheira V. quiz fazer.»

—E' para V. ver o character desta corja.

—Sr. Martins, deixe-me; eu subo a ladeira  
do Alvo toda noite.

### CONVERSA ENTRE DUAS ALMAS PROGRESSISTAS.

—Leu a noticia funebre, no *Jornal da Ba-  
hia* de 23 do corrente, com o titulo—*até que  
afinal morreu*—perguntando a alma do *defun-  
to* fedorento si ainda as uvas estão verdes, as-  
signado—o soccorro?

—Li. O *defunto* ainda não tem tempo para  
feder, apenas exhala por baixo um agradável  
*cheiro aromatico* para o *vermelhismo*. As uvas  
achavam-se verdes em quanto não chegavam  
para elles; mas depois que as *itaborisaram*,  
reconheceram estarem maduras.

—Basta de conversa: vamos para o nosso  
purgatorio.

### VARIÉDADES.

#### COUSAS INSUPOORTAVEIS.

Das carroças o barulho,  
Das gondolas o desarranjo,  
Tanto vadio marmarinho,

E nas ruas, tanto ontulho;  
Mocamas com sou bandulho;  
Crianças a fumar!  
Na porta o mascate a gritar,  
Homem casado em namoro;  
Levar chifrada do touro,  
Apanhar, sem poder dar.

Ir ver fogo, e ficar preso,  
Perder na rua a carteira,  
Ter mulher namoradeira;  
E por molestia o braço tezo:  
Soffrer d'amada um desprezo,  
Quebrar no barile a presilha,  
Dar por falta d'uma filha  
Sem saber p'ra onde foi;  
Enganar-se com um boi,  
Por uma mulher de mantilha,

Pelo *Jornal* ser chamado,  
(Quem tem de vergonha um pouco)  
Levar um murro d'um louco,  
Que não pede ser vingado:  
Ver um homem apatacado  
Fazer festa a sua amante,  
Achar na rua um brilhante  
E mil contas ir fazendo  
E quando está n'isto vivendo  
Ficar preso por tratante.

O cavallo esporear  
Na presonça da amada,  
E n'isto ella enlevada  
Vel-o no chão patinhar!  
A irman escarninhar.  
De ver o futuro cunhado,  
Todo inteiro enlamiado:  
E elle cheio d'insulto  
A olhar para o seu vulto  
Quase louco e envergonhado.

(P. dos Pobres do R.)

### COMO SE DA ALEGRIA A UMA RAPARIGA.

Mandou um noivo á sua noiva na vespera do casa-  
mento um rico presente de joias.

A noiva andava tão tristinha porque o tal casamen-  
to nem por isso era muito do seu gosto. A' vista, por-  
rém, daquellas perolas e brilhantes que a fascinavam,  
alegrou-se, e ficou radiosa que nem uma aurora d'es-  
tío. Vendo isto a sua mãe, não ponde ter mão em si  
que lhe não dissesse riudo:

—Ja vejo que a menina gesta mais do presente que  
do futuro,

### ANNUNCIOS.

A Estrada Nova rua da Valla, junto ao be-  
co do Funil que vae para o Barbalho—ha u ma  
venda para se dispor, quem a pretender diri-  
ja-se a mesma para tratar.

Nesta typographia precisa-se de um bate-  
dor.